



BIBLIOLOGIA



INTRODUÇÃO

A Bíblia Sagrada é uma das grandes dádivas divina concedida à humanidade.

Através dela podemos:

- # Conhecer alguns aspectos da pessoa de Deus;
- # Conhecer quem é o homem numa visão bíblica e espiritual;
- # Conhecer a origem do universo, do mundo, da vida humana e do pecado;
- # Descobrir o alcance do pecado e sua consequência para a humanidade;
- # Descobrir que somos pecadores e condenados a morte eterna, mas também é nos revelado que há uma eterna redenção em Cristo Jesus, e a Bíblia nos guia neste caminho;
- # Além de uma infinidade de outras revelações nas quais podemos nos deleitar.



LIÇÃO 1

CAPÍTULO 1

INTRODUÇÃO À

TEOLOGIA



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

APRESENTAÇÃO

Como estamos embarcando rumo ao conhecimento teológico, é imprescindível que façamos algumas considerações primárias acerca desta ciência. Veremos de forma panorâmica o que é a Teologia, quais são suas implicações, qual é a relevância do seu estudo, a fonte de seu conhecimento, o método para o seu conhecimento e como procedem as suas subdivisões.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.1 O QUE É TEOLOGIA?

A palavra Teologia vem de dois termos gregos: Theos, Deus + Logia, estudo (ANDRADE. 2007, p. 339). Teologia seria o estudo sobre Deus? Como é possível conhecer a Deus?

Em uma definição simples e direta diríamos que a Teologia é o estudo acerca de Deus e de seu relacionamento com suas criaturas através da sua revelação.

Vejam outras definições:

“A teologia ou a doutrina assim se descreve: a ciência que trata do nosso conhecimento de Deus e das suas relações para com o homem. Trata de tudo quanto se relaciona com Deus e com os propósitos divinos.

... A teologia é chamada ciência porque consiste em fatos relacionados com Deus e com as coisas de ordem divina, apresentada de uma maneira lógica e ordenada.” (PEARLMAN, 2006, p.5,6)



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.2 O FUNDAMENTO TEOLÓGICO

Muitos teólogos têm tomado fundamentos adversos para edificar seus conhecimentos. Há os que se firmam no dogma, os que se fundamentam na razão e os que se alicerçam nas experiências espirituais. Todos estes três elementos são úteis para a teologia, mas não são os reais fundamentos.

Quando a razão humana é tomada como autoridade, ela é colocada acima da Bíblia, neste caso será racionalmente julgado qual parte é válida e qual parte será desconsiderada. Ou seja, a Bíblia fica a mercê da mente humana que todos sabemos é falha e pode ser influenciada pelo maligno, e é exatamente isso o que acontece com aqueles que tomam a razão como fundamento teológico. Porém, não podemos descartar a grande utilidade da razão humana, de fato é imprescindível que o teólogo use-a para o processo de elaboração e sistematização do conhecimento adquirido, a razão é uma ferramenta divina dada ao homem e faz parte da imagem do criador em nos, contudo ela não pode suplantar a autoridade da palavra escrita.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.2 O FUNDAMENTO TEOLÓGICO

Quando o dogma é tomado como autoridade, também desconsideramos a Bíblia. O dogma é um princípio doutrinário e religioso apresentado como certo e indiscutível, espera-se que todos os fiéis o aceitem sem questioná-lo (HOUAISS. 2007, dogma). O dogma apesar de ter algo bíblico, tende a ser posto acima dela, inquestionavelmente.

Segundo o escritor Myer Pearlman a diferença entre doutrina é dogma é: enquanto “Doutrina é a revelação da verdade como se encontra nas Escrituras; dogma é a declaração do homem acerca da verdade quando apresentada em um credo”. Assim como a natureza é para o biólogo, os astros são para o astrônomo, os números para o matemático, a Bíblia é para o teólogo. Ela é o fundamento, a base, a fonte de pesquisas, o recurso concreto e autoridade máxima para o conhecimento teológico. Aliado a isto, não podemos prescindir da atuação do Espírito Santo, pois é ele quem nos ensina (Jo 14.26) e nos ilumina no conhecimento daquilo que Deus nos revelou por sua palavra.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.3 A TEOLOGIA E A RELIGIÃO

Qual é a relação que há entre teologia e religião? Para respondermos esta questão se faz necessário definir os termos. Já o fizemos com a expressão teologia, agora veremos o que entendemos por religião.

O termo religião vem do latim “religare”, ligar de novo ou religar. A expressão denota muito bem a situação entre o homem e Deus, afastados devido ao pecado, busca-se religar esta comunhão. Além da definição etimológica, recorreremos a uma definição teológica: “religião é a busca por valores e verdades supremos e definitivos” (HORTON. 2001, p. 44). Ou ainda: “conjunto de dogmas e práticas próprias de uma.

A relação que há entre a teologia e a religião é que enquanto a primeira trata do conhecimento acerca das verdades a religião está mais ligada à prática dos seus princípios e valores. O ideal é que ambos andem juntos e se completem, contudo, é possível que alguém seja teólogo sem ser religioso e quem outros sejam religiosos sem ter base teológica (Pearlman. 2006, p. 7), e muitas vezes isto é fato.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA



1.3 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

1.3.1 Jesus nos manda examinar as Escrituras

“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (Jo 5.39).

O exame é uma pesquisa minuciosa, detalhada e profunda. O estudante da palavra de Deus cumpre esta ordem de Jesus quando toma a Bíblia não numa leitura superficial, mas num estudo profundo e minucioso, atentando para suas particularidades, e a melhor forma de exercer esta atividade é com um estudo metódico e sistematizado.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.3 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

1.3.2 A teologia promove melhor facilidade de assimilação, retenção e transmissão do conhecimento

A teologia trabalha com toda a Bíblia, mas separa-a em partes, mas qual é o objetivo destas divisões? É simples, imagine que você vá a um supermercado que tenha tudo o que você precisa, mas disposto em forma desordenada, você levaria horas para encher o seu carinho e possivelmente não encontraria tudo. Por isso, os supermercados trabalham com divisões de produtos em conformidade com a categoria, produtos e marcas, quando você quer algo, encontra-o facilmente.

Este é o trabalho da teologia, ela toma a Bíblia que foi escrita de forma paulatina, histórica e progressiva e divide-a em partes, de acordo com a categoria, assunto e sub temas. Este método lhe concede facilidades para aprender e reter o conhecimento, também torna mais fácil a tarefa da transmissão do conhecimento.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.3 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

1.3.3 A teologia nos preserva do erro (Mt 22.29; Jo 20.9; Gl 1.6; 2 Ts 2.11,12)

Já ouvi algumas pessoas, até mesmo nos púlpitos das igrejas, falarem com a boca cheia: “a letra mata, Irmãos”, com o objetivo de desabonar o estudo da palavra de Deus de forma metodológica. Estas pessoas que se intitulam espirituais têm esta concepção possivelmente devido à:

- # Terem uma visão pejorativa sobre a teologia por não conhecê-la;
- # Não conseguirem entender as verdades teológicas devido a dificuldades cognitivas;
- # Desejo de instigar o povo a viver no erro e debaixo de suas arbitrarias interpretações.

Quanto a expressão “... porque a letra mata, e o Espírito vivifica”(2 Co 3.6), Paulo está falando da impossibilidade de alguém ser justificado e salvo diante de Deus através das obras da lei em virtude da incapacidade humana de atingi-la. Quanto ao poder salvífico e vivificante da palavra de Deus leia: Rm 1.16; Rm 10.17; Hb 4.12; Sl 119.25,28.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.3 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

1.3.4 O conhecimento teológico faz parte do crescimento para a maturidade cristã

“Conheçamos e prossigamos em conhecer o SENHOR...”(Os 6.3), como cristãos, este é o nosso objetivo, mas como poderemos conhecer a Deus? O ponto de partida e fundamento para este conhecimento é a Bíblia. Somente através dela podemos atingir a maturidade cristã. Quando crianças, geralmente cometemos erros e atitudes inconvenientes, mas quando atingimos a maturidade, alcançamos o desenvolvimento pleno, erramos menos, alcançamos sabedoria e agimos de forma eficiente em prol do Reino de Deus. A vontade do Senhor é que todos nós alcancemos a maturidade cristã.

Esta é a proposta da teologia autêntica:

- # “O aperfeiçoamento dos santos”; “Edificação do corpo de Cristo”; Promover a “unidade da fé”; “Para que não sejamos mais meninos inconstantes”;
- # Levar os cristãos ao “conhecimento do Filho de Deus, a varão perfeito, à medida da estatura completa de Cristo”;
- # Crescimento da igreja “em tudo naquele que é a cabeça, Cristo”.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.3 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

1.3.5 A teologia é uma ferramenta para a execução da missão evangelizadora da igreja

“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado...” (Mt 28.19,20).

A missão evangelizadora segundo o texto lido é “ir” pregar o evangelho, batizar os convertidos e ensiná-los a palavra de Deus. A igreja só poderá executar esta tarefa do discipulado a partir do momento que estiver apta para ensinar a palavra, é sabido que o discipulado é mais do que conhecimento teológico, mas este conhecimento é parte imprescindível.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.3 A IMPORTÂNCIA DA TEOLOGIA

1.3.6 A teologia nos protege contra as seitas e heresias

Não é de hoje que as seitas e heresias são uma ameaça a igreja, Paulo (Gl 1.6-10; Cl 2.4-23; 1 Tm 6.3-5; 2 Tm 4.1-5), Pedro (2 Pe 2.1-22), João (1 Jo 4.1-6), Judas (Jd 3), são exemplos de servos de Deus que lutaram contra estas pragas. E, a cada dia aumenta a disseminação destas sementes diabólicas, sendo praticamente impossível conhecê-las todas, em vista disto, o que podemos fazer para não sermos enganados? A resposta é: conhecer o que de fato a Bíblia ensina.

Enquanto isso o escritor canônico, Judas, nos conclama e exorta : “a batalhar pela fé que uma vez foi dada aos santos” (Jd 3).



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.4 AS DIVISÕES DA TEOLOGIA

Toda ciência, pela sua amplitude, possui suas divisões, a fim de facilitar o estudo. A teologia não foge a regra, ela possui suas divisões principais, e cada uma delas por sua vez, também terá suas divisões e subdivisões. Basicamente a teologia pode ser dividida em quatro partes diferentes, contudo, todas elas são interligadas, são elas: a Teologia Bíblica, Teologia Histórica, Teologia Prática e Teologia Sistemática.

1.4.1 Teologia Bíblica

Na teologia bíblica é estudado cada livro buscando apresentar o autor, o propósito do livro, destinatários, assuntos abordados, seu contexto histórico-cultural. Além disso, em uma teologia Bíblica mais aprofundada, estuda-se o livro capítulo por capítulo, versículo por versículo, para isso, fazendo uso das ferramentas da hermenêutica (ciência da interpretação do real significado dos textos) e da exegese Bíblica (que é a aplicação dos métodos da hermenêutica para a interpretação dos textos Bíblicos). Na teologia Bíblica costuma-se dividir os assuntos em duas grandes partes bastante conhecidas: o Antigo e o Novo Testamento.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.4 AS DIVISÕES DA TEOLOGIA

1.4.1.1 Divisões do Antigo Testamento

Pentateuco – cinco livros Gênesis, Êxodo, Levítico, Números e Deuteronômio.

Livros Históricos – doze livros Josué, Juízes, Rute, 1 Samuel, 2 Samuel, 1 Reis, 2 Reis, 1 Crônicas, 2 Crônicas, Esdras, Neemias e Ester.

Livros Poéticos – cinco livros Jó, Salmos, Provérbios, Eclesiastes e Cantares de Salomão.

Profetas Maiores – cinco livros Isaías, Jeremias, Lamentações de Jeremias, Ezequiel e Daniel.

Profetas Menores – doze livros Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias e Malaquias.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.4 AS DIVISÕES DA TEOLOGIA

1.4.1.2 Divisões do Novo Testamento

Evangelhos – quatro livros Mateus, Marcos, Lucas e João.

Histórico – um livro Atos dos Apóstolos

Epístolas Paulinas Romanos, 1 Coríntios, 2 Coríntios, Gálatas, Efésios, Filipenses, Colossenses, 1 Tessalonicenses, 2 Tessalonicenses, 1 Timóteo, 2 Timóteo, Tito e Filemom.

Epístolas Gerais – oito livros Hebreus, Tiago, 1 Pedro, 2 Pedro, 1 João, 2 João, 3 João e Judas.

Profético Apocalipse



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.4 AS DIVISÕES DA TEOLOGIA

1.4.2 Teologia Histórica

A Teologia Histórica trata da História da humanidade de acordo com o enfoque Bíblico, a História de Israel e a História da Igreja. Além disso, paralelamente é abordado a História do desenvolvimento doutrinário de acordo com a cronologia Bíblica e, a História do desenvolvimento doutrinário da igreja desde os tempos apostólicos.

1.4.3 Teologia Prática

A Teologia Prática é a parte da teologia que se preocupa com a aplicação prática do conhecimento teológico. Ela abrange os seguintes temas: Educação cristã, Família Cristã, Ética Cristã, Administração e Liderança, Teologia do Obreiro, Homilética, Teologia Pastoral, Oração, Adoração, Mordomia Cristã, entre outras.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.4 AS DIVISÕES DA TEOLOGIA

1.4.4 Teologia Sistemática

A Teologia Sistemática é a exposição das doutrinas Bíblicas em tópicos. Sua apresentação de forma metódica e lógica facilita o estudo e aprendizado. A Teologia Sistemática é também Bíblica porque recorre à palavra de Deus como fonte primária, dependendo de suas declarações e correta interpretação para a formação doutrinária.

A Sistemática é também conhecida como dogmática, visto que dogma é uma declaração emitida por uma entidade religiosa acerca de um princípio de fé, onde é reivindicado o acatamento incondicional dos fiéis (ANDRADE. 2007, p. 149). Exemplos: a Igreja Evangélica Assembleia de Deus apresenta seu credo em algumas de suas publicações.



LIÇÃO 1: INTRODUÇÃO À TEOLOGIA

1.4 AS DIVISÕES DA TEOLOGIA

1.4.4 Teologia Sistemática

Exemplos: a Igreja Evangélica Assembleia de Deus apresenta seu credo em algumas de suas publicações.

Os temas abordados na Teologia Sistemática são:

Doutrina das Sagradas Escrituras ou Bibliologia;

Doutrina da Trindade;

Doutrina de Deus;

Doutrina de Cristo ou Cristologia;

Doutrinas do Espírito Santo, Paracletologia ou Pneumatologia;

Doutrina dos Anjos ou Angelologia;

Doutrina do Homem ou Antropologia Bíblica;

Doutrina do Pecado ou Hamartiologia; # Doutrina da Salvação ou Soteriologia;

Doutrina da Igreja ou Eclesiologia; # Doutrina das Últimas Coisas ou

Escatologia:

Além dessas, faz parte da Teologia Sistemática a Apologética ou defesa da fé cristã.





LIÇÃO 1

CAPÍTULO 2

A REVELAÇÃO

DIVINA



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

A REVELAÇÃO DIVINA

Antes de estudarmos a Doutrina das Escrituras Sagradas, faz-se necessário comentarmos a respeito da revelação divina, da qual a própria Bíblia faz parte. Pois, como vimos, a teologia é fundamentada na revelação.

Mas afinal, o que é revelação divina? Qual é a necessidade desta revelação para a humanidade? Com que objetivo Deus se revela ao homem? Como Deus se revelou? Estas são algumas indagações das quais nos propomos a responder, trazendo desta forma uma noção geral da revelação divina. Também comentaremos sobre as categorias e o caráter desta revelação.



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.1 CONCEITO DE REVELAÇÃO

Os dicionários de língua portuguesa definem o termo revelação de várias formas, como: manifestar, divulgar, anunciar, mostrar, tornar conhecido, descobrir. Em síntese, revelar (verbo) é o ato de tornar conhecido àquilo que era desconhecido.

A expressão correspondente a revelar no A.T. é Gãlãh, verbo Hebraico que significa “revelar por meio do ato de descobrir ou de arrancar alguma coisa que cobre” (HORTON. 2001, p. 65). Etimologicamente traz vários significados como: “sair, ir-se embora, descobrir, revelar, despir” (VINE. 2005, p. 156).

Revelar no sentido de tornar manifesto os atos de alguém em alegoria ao ato de despir: “A tua vergonha se descobrirá, e ver-se-á o teu opróbrio; tomarei vingança e não farei acepção de homem algum”(Is 47.3), e “Assim, pôs a descoberto as suas devassidões e descobriu a sua vergonha...” (Ez 23.18).



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.2 A NECESSIDADE DA REVELAÇÃO

No Édem, Adão e Eva gozavam de um conhecimento suficiente de Deus, sendo possível adorá-lo e manter uma comunhão permanente com o Senhor.

Entretanto, com a entrada do pecado no mundo (Gn 3), através da desobediência do casal a ordenança divina, o casal, com consequência para toda a raça humana, foi sentenciado com a morte (separação), primeiramente espiritual, depois física e, por último, a morte eterna para os que não alcançaram a salvação. Além da morte, algumas outras consequências ao pecado foram:

- # Expulsão do Jardim do Édem (Gn 3.23);
- # Destituição da glória de Deus (Rm 3.23);
- # O pecado original (Rm 5.12; 1 Co 15.21);
- # A herança de uma natureza decaída e pecaminosa (Rm 7.20-23; Gl 5.17; Rm 6.13,19);
- # Escravidão ao pecado e conseqüente separação de Deus (Jo 8.34; Is 59.2);
- # Cegueira espiritual (2 Co 4.4; Jo 12.40).



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.3 OBJETIVO DA REVELAÇÃO

Quando Deus em sua soberana vontade decidiu criar o homem à sua imagem e semelhança, tinha entre seus objetivos o propósito de manter comunhão com esta criatura e, de forma conseqüente e natural o ser humano prestaria adoração e louvor a Deus.

Contudo Satanás lutou para destruir os planos de Deus. Enganou o primeiro casal, desfigurou a imagem de Deus no homem, e continua fazendo isso em grau cada vez maior com pessoas que não ouvem a voz do Criador.

Como o adversário obteve um significativo êxito em seus intentos contra a obra de Deus – vale ressaltar que este êxito foi alcançado com a permissão divina, com base no livre arbítrio humano e sem surpreender a Deus, pois Ele é Onisciente – o homem:

- # Tornou-se inimigo de Deus (Rm 5.1,10; Ef 2.1; Tg 4.4);
- # Passou a adorar a criatura (Rm 1.18-32) ao invés do Criador;
- # Passou a se escravo do pecado (Jo 8.34; Rm 6.20);
- # Morto em delitos e pecados (Ef 2.1).



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA



2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

Podemos dividir a revelação divina em suas categorias: a revelação geral e a revelação especial.

A revelação geral é manifesta através:

- # Da natureza;
- # Da natureza humana;
- # Da História.

A revelação especial é manifesta através:

- # De revelações extraordinárias de Deus;
- # Da revelação pessoal de Deus;
- # Da revelação escrita.



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.4.1 A Revelação Geral

Revelação geral é assim chamada porque é o meio pelo qual Deus se manifestou a toda a humanidade, em todos os tempos e em todos os lugares.

Esta é uma revelação parcial e insuficiente para levar o homem a salvação e um maior conhecimento de Deus, mas é suficiente para revelar a divindade e tornar o homem inescusável diante dEle (Rm 1.18-20; 2.12-14).

2.4.1.1 A revelação geral na natureza

“Os céus manifestam a glória de Deus e o firmamento anuncia a obra das suas mãos” (Sl 19.1).

Neste Salmo, Davi, contemplativo, observa os céus e chega a inevitável conclusão que a natureza em sua complexidade, beleza e perfeição é uma expressão da glória da natureza divina. Quando assim agimos com sinceridade e o mínimo de lógica, chegamos a conclusão da impossibilidade de uma casualidade, como crêem os evolucionistas, promover este espetáculo que é obra da criação divina (Jó 12.7-9; Sl 8.1,3; At 17.22-31).



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

A possibilidade de conhecer a Deus através da natureza e o alcance deste conhecimento é claramente demonstrado pelas declarações de três filósofos da Grécia Antiga:

Sócrates declarou sobre Deus: “Acredito na existência de um só Deus todo poderoso, dotado de sabedoria e bondade absolutas, provadas com a sublime harmonia do universo e com a maravilhosa organização do corpo humano” (FILOSOFIA. SEED. 2010).

Platão concebe Deus como “artífice do mundo”.(EDUCAÇÃO. UOL. 2010).



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

“**Aristóteles** criou o argumento do motor. Diz ele que tudo o que está em movimento é movido por outra coisa [...] Aristóteles mostra que é impossível continuarmos recuando até o infinito. Faz-se, portanto, necessário afirmar a existência do causador de todos esses movimentos, que não é outra pessoa senão Deus. Ele é o motor que movimenta tudo! [...]”

No seu livro ‘Metafísica’, Aristóteles admite a existência de um Deus distinto do mundo, um Deus vivo, Onipotente, Causa Primeira, motor imóvel (que move tudo e não é movido por nada fora de si mesmo), vivente eterno e perfeito; um Deus que é soberano, infinitamente inteligente, invisível em si mesmo, mas visível em suas obras, que a tudo governa por sua ação e por sua Providência, como um general governa um exército. Um Deus justo que castiga o homem livre e violador de sua lei imutável, e recompensa com a felicidade, agora e no porvir, aos que se unem à justiça...” (FILOSOFIA. SEED. 2010).



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.4.1.2 A revelação geral na natureza humana

Quando Deus criou o homem, criou a sua imagem e semelhança, dentre as características desta imagem está o aspecto moral de Deus transmitido ao homem, tais como: Amor, justiça, santidade, fidelidade, bondade, verdade, etc. Com a entrada do pecado no mundo, a imagem de Deus no homem foi desestruturada, mas não apagada ou destruída completamente. Por isso, todo ser humano tem resquícios desta imagem.

Com base nisso, Paulo menciona a lei de Deus gravada no coração do homem. Esta lei moral apresenta os princípios legais de Deus, a única diferença entre esta e a lei dada aos judeus é que esta última é escrita, específica e mais detalhada, mas os princípios são os mesmos. Aqueles que tinham a lei escrita, tinham-na como defensora ou acusadora (Rm 2.12,13), e os que não tinham a lei judaica, tinham a “lei escrita no seu coração” auxiliada pela “sua consciência”, “quer acusando-os, quer defendendo-os”.



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4.1.3 A revelação geral através da História

Um dos atributos transcendentais ou incomunicáveis de Deus é a Soberania, ou seja, ele tem toda a autoridade no Universo, pois é o Criador e Sustentador de todas as coisas (Gn 1.2; Jo 1.3; Cl 1.15-17; Hb 1.1-3), é independente da criação e auto-suficiente (Êx 3.14). Fazendo uso destes e demais atributos, Deus se manifesta ao homem de uma forma geral através da História. Pois o Deus Soberano comanda-a a fim de estabelecer seus propósitos.

“Ainda antes que houvesse dia, eu sou; e ninguém há que possa fazer escapar das minhas mãos; operando eu, quem impedirá?” (Is 43.13).

Alguns Exemplos desta atuação:

- # No episódio da Torre de Babel (Gn 11.1-9);
- # Na libertação dos hebreus do cativeiro egípcio (Sl 136);
- # O julgamento das nações descritos nos livros dos profetas;
- # Deus levanta os Caldeus para castigar os judeus pelos pecados (Hc 1.5-7);
- # Deus chama Ciro, rei Medo-Persa para libertar os judeus e Reconstruir Jerusalém e o Templo (Is 44.28; 45.1);
- # A primeira vinda de Jesus na plenitude dos tempos (Gl 4.4);



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.4.2 A Revelação Especial

A revelação especial de Deus é uma manifestação específica, imediata e sobrenatural. Esta tem caráter redentor, visto que dá oportunidade de salvação ao homem. A revelação especial não contradiz com a geral, antes, completa-a.

A revelação especial se manifesta através:

- # Dos atos extraordinários de Deus;
- # Da revelação pessoal;
- # Da revelação escrita.



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.4.2.1 A revelação através dos atos extraordinários de Deus

“Havendo Deus, antigamente, falado, muitas vezes e de muitas maneiras, aos pais, pelos profetas, a nós falou-nos, nestes últimos dias, pelo Filho” (Hb 1.1).

No decorrer da História do relacionamento de Deus com o homem o Senhor se manifestou “de muitas maneiras”, entre estas maneiras podemos citar:

- # Teofania (Gn 18.1-16; Js 5.13-15; Jz 13.15-22);
- # Voz (1 Sm 3.1-14);
- # Sonhos (Gn 28.10-17; Dn 2.1-49; 7.1);
- # Visões (Gn 15.1; Dn 1.17; 8.1);
- # O Espírito Santo se comunica com o nosso espírito (Rm 8.16);

Além de outras manifestações sobrenaturais, como: o dilúvio, o nascimento de Isaque, as pragas do Egito, a travessia do Mar Vermelho, o sustento do povo hebreu no deserto por quarenta anos, a passagem do rio Jordão, a vitória sobre Jericó, além de curas, ressurreições, fogo do céu, arrebatamento, etc.



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.4.2.2 A revelação pessoal

Numa época em que o helenismo espalhava suas influências filosóficas pelo mundo bíblico, as nações se aprofundavam na idolatria com seus cultos imorais, em um período que os judeus estavam aprofundados em um formalismo e vivenciando o ápice de uma frieza e indiferença espiritual, os judeus debaixo do domínio romano. Este foi um período de densas trevas, pois a humanidade não aceitou, ou, não reconheceu as luzes da revelação divina até aqui manifestas. É este tempo que Paulo chama de plenitude do tempos:

“Mas, vindo a plenitude dos tempos, Deus enviou seu Filho, nascido de mulher, nascido sob a lei” (Gl 4.4).

Surge nos desertos da Judéia uma figura nada atraente, pregando uma palavra que via de regra não dá audiência: arrependei-vos.

“Este veio para testemunho para que testificasse da luz, para que todos cressem por ele. Não era ele a luz, mas veio para que testificasse da luz” (Jo 1.78).

Este a que me refiro era João Batista, e a luz da qual testificava era Jesus.



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.4 CATEGORIAS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.4.2.3 A revelação escrita

A Bíblia sagrada é o resultado de um processo de séculos de compilação. Nela, seus autores foram impulsionados por Deus a registrarem o relacionamento divino com a humanidade, revelando assim o que chamamos de doutrinas.

Vale ressaltar que estas doutrinas (ensinamentos) não estão expostos em uma ordem sistemática e organizada como uma enciclopédia, antes, foram registradas em diversas formas literárias, como: leis, histórias, salmos, profecias, provérbios, poesias, biografias e cartas.

Essa revelação registrada, a Bíblia, hoje é a nossa regra de fé e conduta. É a autoridade máxima em doutrina e não pode ser sobrepujada por movimentos religiosos, nova revelação ou experiência espiritual pessoal.

Mas qual é o objetivo de uma revelação escrita? O objetivo de uma revelação escrita é preservar com fidelidade a revelação divina. Sabemos que a transmissão oral é em si ineficaz, trazendo com o tempo alterações substanciais na mensagem.



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.5 ALGUNS ASPECTOS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.5.1 A Revelação Divina é Progressiva

Deus se revelou ao homem de forma progressiva e paulatina. Através de séculos de relacionamento (HB 1. 1, 2). A revelação progressiva não significa contradição pelo contrário, Deus acrescenta algo importante ao conhecimento humano. Isto é bem entendido no estudo das dispensações.

2.5.2 A Revelação Escrita é Completa

A revelação que temos hoje da parte de Deus através das Escrituras é completa. Ou seja, não temos necessidades de novas revelações.

Contundo dizer que a bíblia é completa não significa dizer que Deus revelou tudo o que é, o que sabe, o que somos, o que seremos, etc, mas sim que Deus revelou tudo o que nos é necessário para nossa salvação. Ou seja, esta plenitude reside na suficiência.

Paulo exclama: “Ó profundidade das riquezas, tanto da sabedoria, como da ciência de Deus! Quão insondáveis são os seus juízos, e quão inescrutáveis, os seus caminhos! Porque quem compreendeu o intento do Senhor? Ou quem foi seu conselheiro?” (Rm 11.33,34).



LIÇÃO 1: A REVELAÇÃO DIVINA

2.5 ALGUNS ASPECTOS DA REVELAÇÃO DIVINA

2.5.3 A Revelação Escrita é Cristocêntrica

A outra característica a cerca da Bíblia é seu foco cristocêntrica, ou seja, cristo é o centro da revelação. De várias formas tipificado, simbolizado, figurado e muitas vezes mencionado profeticamente no AT.

“Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (Jo 5.39), Disse o Senhor.

Manifesto na plenitude dos tempos (GL 4.4), tendo seu ministério explanado nas epístolas e sua obra consumada em Apocalipse, diríamos que o tema central da Bíblia é: JESUS CRISTO o redentor da humanidade.

“E disse-lhes: São estas as palavras que vos disse estando ainda convosco: convinha que se cumprisse tudo o que de mim estava escrito na Lei de Moisés, e nos Profetas, e nos Salmos” (Lc 24.44).



LIÇÃO 2
CAPÍTULO 3
COMO ESTUDAR
A BÍBLIA



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

3.1 PRINCÍPIOS PARA O ESTUDO TEOLÓGICO

Para estudar a palavra de Deus, a Bíblia sagrada, alguns princípios são imprescindíveis para que haja eficácia no empreendimento.

- **3.1.1 Devemos Conhecer o Autor:** quando lemos algum livro, nele, geralmente encontramos alguns aspectos da vida do autor, tais como: sua formação, suas atividades, outras obras, etc. Um fator indispensável do estudante da palavra de Deus é conhecer a Cristo através da experiência da salvação e do crescimento contínuo. Quando conhecemos o Autor da Bíblia temos condições de acreditar nas maravilhas realizadas no passado e nas suas grandes promessas para nossas vidas hoje e no futuro.



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

- **3.1.2 Devemos Contar Com o Auxílio do Espírito Santo:** novamente façamos uma analogia com os livros comuns. Imagine que ao ler os escritos de Platão, Aristóteles, Shakespeare, Rui Barbosa, ou qualquer outro grande pensador você pudesse de ter ao seu lado o escritor para lhe explicar os pontos difíceis e relevantes, não seria ótimo? Entretanto, este privilégio acompanha os salvos em Cristo. Ao lermos a palavra de Deus, o Espírito Santo nos ensina, faz lembrar e nos guia em toda a verdade (Jo 14.26;16.13;1 Co 2.14).

- **3.1.3 Devemos Amar a Palavra:** “Oh! Quanto amo a tua lei! É a minha meditação em todo o dia!” (Sl 119.97). Luís Vaz de Camões, poeta português do século XVI, diz em um dos trechos de seu soneto de Amor: “O amor é um contentamento descontente”. Camões em sua tentativa de descrever o amor diz que ele é um contentamento, ou seja, um prazer, uma felicidade, uma satisfação, entretanto, não é plena, porque é descontente, sempre se requer mais. Assim é a atitude daquele que ama a palavra de Deus, ele está contente, feliz satisfeito, mas seu coração sempre quer mais e mais se aprofundar neste oceano infinito da sabedoria divina.



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

- **3.1.4 Devemos Ler a Bíblia:** a prática da leitura é uma das maiores heranças culturais da raça humana. Quando lemos somos edificados, abrem-se os horizontes, amplia-se a visão do mundo, aguça-se a criatividade, desenvolve-se o vocabulário, enriquece-se em conhecimento e inteligência, aprimora-se o poder da persuasão, aprendemos com os erros e acertos alheios.

- **3.1.5 Devemos Ler a Bíblia Toda:** é costume de não poucos crentes o uso da tal caixinha de promessas, uma seleção de textos Bíblicos de consolo e vitória, há alguns que cognominam esta prática de bibliomancia. Estas práticas apresentam dois problemas, primeiro, a palavra de Deus não é somente consolo e vitória, ela também exorta, orienta, repreende, etc. Segundo, geralmente quem pratica esta seleção de textos interpreta-o fora do seu real contexto. Exemplo: alguém que neste “sorteio” encontre Fp 4.19: “O meu Deus, segundo as suas riquezas, suprirá todas as vossas necessidades em glória, por Cristo Jesus”, esta pessoa pode acreditar que isso se aplica para ela, contudo, Paulo dirige esta promessa aos filipenses que eram liberais e diligentes ofertantes na obra de Deus.



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

- **3.1.6 Devemos Meditar na Palavra de Deus:** as filosofias e religiões orientais ensinam a meditação para libertação e paz interior, estas ideias estão em voga até mesmo no Ocidente. Contudo, a Bíblia orienta-nos a verdadeira meditação:

“Bem-aventurado o varão que... tem o seu prazer na lei do SENHOR, e na sua lei medita de dia e de noite” (Sl 1.1,2). Quando meditamos na palavra de Deus afastamos o desanimo, o pessimismo, a depressão, a incredulidade, o ódio, o rancor, a tristeza, a impureza, etc. Paulo orienta no que devemos pensar: “Quanto ao mais, irmãos, tudo o que é verdadeiro, tudo o que é honesto, tudo o que é justo, tudo o que é puro, tudo o que é amável, tudo o que é de boa fama, se há alguma virtude, e se há algum louvor, nisso pensai” (Fp 4.8). Esta orientação é de extrema importância, visto que, todos os nossos atos e sentimentos são oriundos de nossos pensamentos, portanto, devemos ocupar nossa mente meditando na palavra do Senhor.



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

- **3.1.7 Devemos Examinar a Bíblia:** “Examinais as Escrituras, porque vós cuidais ter nelas a vida eterna, e são elas que de mim testificam” (Jo 5.39). A leitura não pode ser desprezada, porém, a quantidade e qualidade do conhecimento podem ser superficiais. Jesus disse para examinarmos as Escrituras. Os judeus de Bereia examinavam as Escrituras a cada dia para verem se o que Paulo pregava estava em conformidade.

- **3.1.8 Devemos Fazer uma Aplicação Prática da Palavra:** alguns estudiosos afirmam que há na Bíblia cerca de oito mil promessas, algumas absolutas, outras condicionais. Estas promessas são grande fonte de gozo, consolação e esperança para os cristãos. No entanto, há muitas pessoas que ao lerem não conseguem aplicar em suas vidas essas promessas, pensam: “será que isso é para mim?”, estas pessoas acabam vivendo um cristianismo apático e raquítico. Devemos ter em mente que Deus é um ser pessoal, sua palavra é dirigida a cada um cristão em particular, e não a um grupo de privilegiados. Creia, pois a fé é a mão que alcança o dom de Deus.



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

- **3.1.9 Devemos Memorizar Textos Bíblicos:** a memorização de textos Bíblicos é muito importante e útil, pois nem sempre estamos com uma Bíblia a nossa disposição, mas podemos ter trechos importantes em nossa memória. Jesus citava frequentemente as Escrituras devido a memorização, isto também foi utilizado pelos apóstolos. Este método é muito importante para a evangelização, defesa da fé em nosso ambiente de trabalho, ou qualquer outro lugar, para a pregação da palavra, para nossa meditação, entre outras utilidades.

Algumas pessoas alegam terem a memória fraca por isso não memorizam, na verdade o problema é falta esforço e técnica.



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA



3.2 MATERIAIS DE AUXÍLIO PARA O ESTUDO TEOLÓGICO

Algumas pessoas afirmam que nos precisamos somente da Bíblia e nada mais, em parte isto é certo, pois a Bíblia é suficiente para nossa salvação, contudo, alguns materiais foram desenvolvidos no decorrer de muitos anos de pesquisas com o objetivo de promover melhor facilidade na compreensão da mensagem divina, portanto, ao aluno que deseja se aprimorar no conhecimento é útil o auxílio de alguns materiais conforme mencionaremos:

***Bíblia** – Com certeza a Bíblia é imprescindível para o estudo, atualmente contamos com várias versões e é bom que o estudante possua mais de uma versão da Bíblia para fazer comparações e entender melhor os textos. Atualmente as mais usadas são: Almeida Revista e Corrigida (ARC) e Almeida revista e Atualizada (ARA), outras versões que tem caído no gosto do povo de Deus devido à linguagem mais acessível são: Bíblia Viva (BV) e a Bíblia na Nova Tradução na Linguagem de Hoje (NTLH).



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

3.2 MATERIAIS DE AUXÍLIO PARA O ESTUDO TEOLÓGICO

- ***Dicionário Bíblico**– explica o significado dos termos teológicos e bíblicos.
- ***Dicionário de Língua Portuguesa**– traz o significado das palavras em português, conceituando-as de forma correta. Uma das melhores formas de aprender e ensinar é conceituando os elementos relevantes de um assunto.
- ***Atlas Bíblico**– situa os fatos bíblicos no tempo e no espaço. Dá a descrição das cidades e principais lugares da geografia Bíblica.
- ***Concordância Bíblica**– este material de apoio relaciona os textos Bíblicos de acordo com o tema permitindo a expansão do estudo na Bíblia.
- ***Enciclopédia Bíblica**– obra que trata de todos os conhecimentos Bíblicos de forma ordenada.



LIÇÃO 2: COMO ESTUDAR A BÍBLIA

3.2 MATERIAIS DE AUXÍLIO PARA O ESTUDO TEOLÓGICO

***Teologia Bíblica**– é dividido em teologia do A.T. e do N.T., nela é estudado cada seção do A.T. ou N.T. e também cada livro. Neste material é apresentada a autoria, a datação, os destinatários, as circunstâncias, o objetivo do livro, o tema e os assuntos tratados pelo autor em uma visão panorâmica, também é exposto um comentário dos capítulos e alguns versículos. Algumas Bíblias de estudo trazem inseridas todas estas informações.

***Teologia Sistemática**– contém a exposição sistemática das doutrinas da fé cristã, é um material muito importante para o estudo Bíblico, novamente é bom que o aluno possua mais de um autor.

***Uso de Anotações**– o uso de anotações é muito importante no processo de assimilação, retenção, elaboração e transmissão do conhecimento. O aluno que deseja se aprimorar fará uso de anotações.

Use um caderno próprio para anotações;

Faça anotações de forma clara e expositiva, para que possa reutilizar as informações em outro momento;

Coloque data e referências para que possa recorrer a elas quando precisar.



LIÇÃO 2
CAPÍTULO 4
CONHECENDO A
BÍBLIA ATRAVÉS DE
SUA ESTRUTURA



4.1 A ESTRUTURA DA BÍBLIA

A Bíblia é composta por sessenta e seis livros e tem sua divisão básica em Antigo e Novo Testamento. O A.T. é composto de trinta e nove livros e levou aproximadamente dez séculos para ser compilado. O N.T. possui vinte e sete livros e levou menos de um século para sua formação. Entre o A.T e o N.T. houve um período de quatro séculos sem o registro da palavra inspirada por Deus, é conhecido como período Inter bíblico ou Intertestamentário.

- 4.1.1 A Estrutura do Antigo Testamento: o A.T é tradicionalmente dividido em cinco partes, esta divisão, assim como a do N.T. são arbitrárias, pois não obedecem a uma ordem cronológica, pois seu agrupamento é de acordo com o gênero dos livros. A divisão do A.T é a seguinte:

- # Pentateuco;
- # Livros Históricos;
- # Livros Poéticos;
- # Profetas Maiores;
- # Profetas Menores.



4.1 A ESTRUTURA DA BÍBLIA

***O Pentateuco:** o significado da expressão de origem grega, Pentateuco, é cinco rolos ou estojo de cinco rolos. Esta divisão é também conhecida como Lei ou Torá. Como o próprio nome indica é constituída por cinco livros, sendo:

- # Gênesis;
- # Êxodo;
- # Levítico;
- # Números;
- # Deuteronômio.

Estes livros contam a história da criação do Universo, do mundo, da humanidade, enfim de todas as coisas. Também narra a criação e organização do povo de Israel em uma nação com a organização através da leis e do culto a Deus. Sua narrativa abrange também a peregrinação do povo pelo deserto até a chegada do povo no lado Oriental da terra prometida.





4.1 A ESTRUTURA DA BÍBLIA

***Livros Históricos:** a divisão dos livros Históricos é composta por doze livros. Nesta divisão é narrado um período longo da História de Israel, desde o domínio da terra prometida até a reconstrução dos muros de Jerusalém em 445 a.C., um período de cerca de dez séculos. Segue a relação dos livros de acordo com as subdivisões do período:

Teocracia

- # Josué;
- # Juízes;
- # Rute.

Monarquia

- # 1 e 2 Samuel;
- # 1 e 2 Reis;
- # 1 e 2 Crônicas.

Pós Exílio

- # Esdras;
- # Neemias;
- # Ester.



4.1 A ESTRUTURA DA BÍBLIA

***Livros Poéticos:** os livros Poéticos são assim classificados devido ao seu estilo literário, e vale ressaltar, de extraordinária qualidade. Três destes são também considerados sapienciais, sendo os livros de Jó, Provérbios e Eclesiastes. Os livros Poéticos são:

Jó; # Salmos; # Provérbios;
Eclesiastes; # Cantares de Salomão.

***Profetas Maiores:**

São cinco os livros dos Profetas Maiores:

Isaías; # Jeremias; # Lamentações de Jeremias;
Ezequiel; # Daniel.

Estes são chamados de profetas maiores em relação aos profetas menores devido a extensão dos livros e não em relação a qualidade dos livros, abrangência e tempo de ministério.



4.1 A ESTRUTURA DA BÍBLIA

***Profetas Menores:** são doze os livros que compõem esta divisão:

# Oséias;	# Joel;	# Amós;
# Obadias;	# Jonas;	# Miquéias;
# Naum;	# Habacuque;	# Sofonias
# Ageu;	# Zacarias;	# Malaquias.

Tanto os livros dos profetas maiores como dos menores têm como assunto a repreensão divina contra os pecados dos judeus divididos em dois reinos, Judá e Israel. Os dois reinos estavam mergulhados no pecado da idolatria, imoralidade, injustiça, haviam abandonado a Deus que por sua vez conclamava o povo ao arrependimento e retorno ao concerto com Deus. Visto que não foi ouvido pelo povo, apresentou a sentença condenatória de exílio para os dois reinos.

Não obstante a rebeldia dos judeus, o desfecho das mensagens proféticas era sempre de restauração de um remanescente, para que cumprisse as promessas e concertos de Deus com os patriarcas. A estrutura do A.T. que ora acabamos de apresentar é herdada da septuaginta (LXX).



4.1.2 A Estrutura do Antigo Testamento Judaico

O A.T. judaico é composto por vinte e quatro livros, na verdade são os mesmos trinta e nove que possuímos no A.T. das Bíblias cristãs, isto porque alguns livros formam apenas um volume, são eles:

1 e 2 Samuel 1 livro

1 e 2 Reis 1 livro

1 e 2 Crônicas 1 livro

Esdras e Neemias 1 livro

Os doze Profetas Menores 1 livro

Estes 20 livros formam apenas 05 volumes que, somados aos outros 19 livros, perfazem um total de 24 livros dispostos conforme a seguinte divisão:

Lei – Torá;

Os Profetas, divididos em primeiros e últimos profetas – Nebhiim;

Os Escritos, divididos em livros poéticos, cinco rolos e livros históricos – Kethubhim.



A ESTRUTURA DO ANTIGO TESTAMENTO JUDAICO			
Lei - Torá	Os Profetas - Nebhiim	Os Escritos - Kethubhim	
Gênesis; Êxodo; Levítico; Números; Deuteronômio	Primeiros Profetas Josué Juízes Samuel Reis Últimos Profetas Isaías Jeremias Ezequiel Os Profetas Menores	Livros Poéticos Salmos Provérbios Jó Cinco Rolos Cantares de Salomão Rute Lamentações Ester Eclesiastes	Livros Históricos Daniel Esdras e Neemias Crônicas

4.1.3 A Estrutura do Novo Testamento

O Novo Testamento é composto por vinte e sete livros, é também dividido em cinco seções:

Evangelhos; # Livro Histórico; # Epístolas Paulinas;
Epístolas Gerais; # Livro Profético.

***Os Evangelhos:** os Evangelhos são as quatro biografias de Jesus em seu ministério terreno. Retratam a história do seu nascimento, seu ministério, suas obras, seus ensinamentos, sua morte, ressurreição e ascensão aos céus. Os três primeiros são chamados de Evangelhos sinóticos, por apresentarem muitos fatos em comum sobre a vida de Jesus, com grande semelhança na narração dos fatos ainda que de pontos de vista diferentes, enquanto o evangelho de João tem uma abordagem de diferentes fatos. Os Evangelhos são:

Mateus;
Marcos;
Lucas;
João.

4.1.3 A Estrutura do Novo Testamento

***Livro Histórico:** no N.T. temos apenas um livro considerado Histórico, neste é narrado a ascensão de Jesus, precedida de suas últimas instruções, o estabelecimento da igreja no dia de Pentecostes com a descida do Espírito Santo, a expansão da igreja de Jerusalém para Judéia, Samaria até os confins da Terra (Roma), dos judeus para os gentios, paralelamente acompanhado do ministério do apóstolo Paulo. Este livro é:

Atos dos Apóstolos.

***Epístolas Paulinas:** estas são as cartas de Paulo às igrejas ou a indivíduos contendo suas orientações, conselhos, ensinamentos, recomendações, exortações, repreensões, e testemunhos de partes da história de sua vida, principalmente ministerial. Esta seção é composta por um total de treze cartas:

Romanos;

1 Coríntios;

2 Coríntios;

Gálatas;

Efésios;

Filipenses;

Colossenses;

1 Tessalonicenses;

2 Tessalonicenses;

1 Timóteo;

2 Timóteo;

Tito;

Filemom.



4.1.3 A Estrutura do Novo Testamento

***Epístolas Gerais:** assim como as Cartas de Paulo, estas também tratam de circunstâncias do momento e trazem em seu conteúdo as orientações, conselhos, ensinamentos, recomendações, exortações, repreensões dos autores aos seus destinatários.

Esta seção é chamada de gerais devido terem sido escritas por mais de um autor, por terem destinatários diferentes e tratarem de temas diversos. Esta divisão é composta por oito epístolas, sendo:

- # Hebreus;
- # Tiago;
- # 1 Pedro;
- # 2 Pedro;
- # 1 João;
- # 2 João;
- # 3 João;
- # Judas.



4.1.3 A Estrutura do Novo Testamento

*Livro Profético

Este último livro é o quadro escatológico apresentado a João, nele está descrito a revelação da consumação de todas as coisas. Em seus primeiros capítulos Jesus se revela a João e manda que ele escreva cartas às igrejas da Ásia Menor, depois, descortina fatos que ocorrerão na Grande tribulação, o Juízo final com a condenação dos ímpios e o estado Eterno dos salvos em Cristo. O único livro desta divisão é:

Apocalipse.

4.2 A DIVISÃO DA BÍBLIA EM CAPÍTULOS E VERSÍCULOS

Os livros da Bíblia, principalmente os mais antigos, eram escritos da direita para a esquerda, sem pontos, vírgulas, espaço entre palavras e parágrafos, além disso, os livros eram em formatos de rolos. Exigia-se muita habilidade leitores e intérpretes da lei para compreender os textos.

Com passar dos séculos foram feitas alguns aprimoramentos, não no conteúdo, mas na disposição dos textos como a inclusão de sinais gráficos e parágrafos. Mas foi em 1227 d.C. que Stephen Langton, professor da Universidade de Paris, dividiu os livros da Bíblia em capítulos. E, em 1551, Robert Stephanus, Impressor parisiense, acrescentou a divisão dos livros da Bíblia em versículos.

Estes dois aprimoramentos, longe de corromper os textos e a mensagem da palavra de Deus, trouxeram maior facilidade para o estudo, memorização e encontro dos textos bíblicos.



4.2 A DIVISÃO DA BÍBLIA EM CAPÍTULOS E VERSÍCULOS

- **4.2.1 A utilização dos capítulos e versículos:** muitas pessoas têm alguma dificuldade para lidar com estas divisões, principalmente quando a abreviaturas dos livros, por isso é importante que o estudante da palavra de Deus se familiarize com estas abreviaturas e uso de capítulos e versículos. Faremos uma breve análise no uso destes:

1 Rs 1.10 Primeiro livro dos Reis, capítulo um, versículo dez.

2 Sm 5.1-12 Segundo livro de Samuel, capítulo cinco, versículos um ao doze.

1 Jo 1.6,8,9 Primeira Epístola de João, capítulo um, versículos seis, oito e nove.

2 Pe 1.1-2.22 Segunda Epístola de Pedro, do capítulo um e versículo um até o capítulo dois e versículo vinte e dois.

Mt 5.1; 6,2 Evangelho de Jesus Segundo Mateus, capítulo cinco e versículo um, e capítulo seis e versículo dois.

Sl 119.11 Salmo cento e dezenove, versículo onze.

Estes são os principais tipos de abreviaturas utilizados nos livros de teologia.





4.3 AS EPÍGRAFES DA BÍBLIA

Na maioria dos exemplares da Bíblia, os livros têm suas seções divididas por subtítulos conhecidos como epígrafes. Geralmente, estas epígrafes são de utilidade porque trazem a descrição do assunto tratando em determinado trecho Bíblico, facilitando o estudo da palavra de Deus. Contudo estas epígrafes, com exceção de algumas do livro de Salmos, não são originais, pois foram formuladas por seus editores, portanto, podem ocorrer erros e até diferença de uma Bíblia para outra dependendo da tradução e editora.





LIÇÃO 2

CAPÍTULO 5

CONHECENDO A BÍBLIA

ATRAVÉS DE SEUS

NOMES, SÍMBOLOS E

FUNÇÕES



LIÇÃO 2: CONHECENDO A BÍBLIA ATRAVÉS DE SEUS NOMES, SÍMBOLOS E FUNÇÕES

5.1 TÍTULOS DA BÍBLIA

Na Bíblia encontramos alguns nomes e títulos que lhe são atribuídos, estes aprimoram nosso conhecimento do caráter da palavra de Deus, vejamos quais são:

*Palavra de Deus(Mc 7.13; At 12.24; Hb 4.12; Ap 20.4): “De sorte que a fé é pelo ouvir, e o ouvir pela palavra de Deus” (Rm 10.17).

* Escrituras (Mt 22.29; Mc 12.24; Lc 24.22; At 17.11; Rm 15.4; 2 Pe 3.16): “Porque com grande veemência convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escriturasque Jesus era o Cristo” (At 18.28).

*Santas Escrituras: “O qual antes havia prometido pelos seus profetas nas Santas Escrituras” (Rm 1.2).

*Livro do Senhor: “Buscai no livro do SENHOR e lede; nenhuma dessas coisas falhará, nem uma nem outra faltará; porque a sua própria boca o ordenou, e o seu espírito mesmo as ajuntará” (Is 34.16).

*Livro da Lei(Dt 30.10; Js 8.31; 2 Rs 22.8; Ne 8.1)“E Hilquias respondeu e disse a Safã, o escrivão: Achei o livro da Leina Casa do SENHOR. E Hilquias deu o livro a Safã” (2 Cr 34.15).



LIÇÃO 2: CONHECENDO A BÍBLIA ATRAVÉS DE SEUS NOMES, SÍMBOLOS E FUNÇÕES



5.1 TÍTULOS DA BÍBLIA

***Bíblia:** o nome usualmente empregado à palavra de Deus não se encontra no seu texto. Esta palavra tem sua origem no grego biblos, plural de biblion, significa livros ou um conjunto de livros. No caso da Bíblia Sagrada, uma coleção de livros sagrados. “Quem primeiro aplicou este vocábulo as Sagradas Escrituras foi João Crisóstomo que exerceu o patriarcado de Constantinopla no século IV” (ALMEIDA. 2007, p. 82). Além destes nomes e títulos a bíblia refere-se a si como lei, estatutos, mandamentos e preceitos.



LIÇÃO 2: CONHECENDO A BÍBLIA ATRAVÉS DE SEUS NOMES, SÍMBOLOS E FUNÇÕES

5.2 OS SÍMBOLOS DA BÍBLIA

O que é um símbolo? Símbolo é um objeto, sinal, coisa que representa uma verdade, um conceito ou outro elemento qualquer.

“O símbolo é uma figura, objeto, número ou emblema, cuja imagem representa, de modo sensível, uma verdade moral, ou religiosa. Através do símbolo, uma certa coisa, objeto ou verdade é substituída por um sinal. No símbolo um conceito abstrato recebe uma correspondência material e concreta pela relação existente entre o conceito e o objeto ou símbolo por ele representado” (BENTO. 2007, p. 218,219).

Contudo, devemos ressaltar que um símbolo não tem por finalidade transmitir um conceito completo daquilo que representa, mas sim, algumas de suas peculiaridades e características através de uma analogia lógica. É como uma pessoa é como uma pessoa num ambiente escuro procurando algo com o auxílio de uma lanterna. A lanterna neste caso trará seu foco para onde for direcionada, e não sobre todo o ambiente, assim é o papel do símbolo, ele lança luz sobre alguns aspectos ou atividades do elemento representado.



LIÇÃO 2: CONHECENDO A BÍBLIA ATRAVÉS DE SEUS NOMES, SÍMBOLOS E FUNÇÕES

5.2 OS SÍMBOLOS DA BÍBLIA

A Bíblia é rica em símbolos e tipos, O Espírito Santo, Jesus Cristo, a igreja, todos estes, por exemplo, tem vários símbolos que lhes representam. Porém, nosso foco é observar os símbolos a respeito da palavra de Deus para compreendermos alguns aspectos de sua natureza e função. Vejamos alguns símbolos em relação à palavra de Deus:

***Água**(Pv 25.25; Jo 15.3): “... purificando-a com a lavagem da água, pela palavra” (Ef 5.26).

***Alimento**: “Achando-se as tuas palavras, logo as comi, e a tua palavra foi para mim o gozo e alegria do meu coração; porque pelo teu nome me chamo, ó SENHOR, Deus dos Exércitos” (Jr 15.16).

***Pão**: “Está escrito: Nem só de pão viverá o homem, mas de toda a palavra que sai da boca de Deus”(Mt 4.4).

***Mel**(Sl 19.8,10; Pv 24.13,14; Ap 10.9): “Oh! Quão doces são as tuas palavras ao meu paladar! Mais doces do que o mel à minha boca”(Sl 119.103).



LIÇÃO 2: CONHECENDO A BÍBLIA ATRAVÉS DE SEUS NOMES, SÍMBOLOS E FUNÇÕES

5.2 OS SÍMBOLOS DA BÍBLIA

- ***Fogo:** “Não é a minha palavra como fogo, diz o SENHOR...?” (Jr 23.29).
- ***Luz (Sl 119.130; Pv 6.23; 2 Co 4.4):** “Lâmpada para os meus pés é tua palavra e luz, para o meu caminho” (Sl 119.105).
- ***Martelo:** “Não é a minha palavra..., diz o SENHOR, e como um martelo que esmiúça a penha?” (Jr 23.29).
- ***Espada (Hb 4.12):** “Tomai também o capacete da salvação e a espada do Espírito, que é a palavra de Deus” (Ef 6.17).
- ***Rocha (1 Pe 2.8):** “Todo aquele, pois, que escuta estas minhas palavras e as pratica, assemelhá-lo-ei ao homem prudente, que edificou a sua casa sobre a rocha” (Mt 7.23).
- ***Semente:** “Esta é, pois, a parábola: a semente é a palavra de Deus” (Lc 8.11).



LIÇÃO 2: CONHECENDO A BÍBLIA ATRAVÉS DE SEUS NOMES, SÍMBOLOS E FUNÇÕES

5.3 CARACTERÍSTICAS DA PALAVRA DE DEUS

- # Reta (Sl 33.4)
- # Criadora (Sl 33.6)
- # Pura (Sl 119.140; Pv 30.5)
- # Permanente (Is 40.8; Mt 24.35; 1 Pe 1.25)
- # Saradora (Sl 107.20)
- # Fonte de vida (Jo 6.68; Fp 2.16; 1 Jo 1.1)
- # Fiel (1 Tm 1.15; Tt 3.8)
- # Viva (Hb 4.12; 1 Pe 1.23)
- # Eficaz (Is 55.11; Hb 4.12)
- # Boa (Hb 6.5)
- # Profética (2 Pe 1.19,20)
- # Perfeita (Dt 32.4; Sl 18.30)
- # Poder de Deus (Rm 1.16; 1 Co 1.18)
- # Doce (Ez 3.3; Ap 10.9,10)
- # Verdade (Sl 119.142,151,160; Jo 17.17)
- # Infalível (Jr 1.11,12; Mt 24.35)
- # Divinamente inspirada (2 Tm 3.16)
- # Inerrante (Sl 119.142,151,160; Jo 17.17)
- # Amável (Sl 119.97)



LIÇÃO 2: CONHECENDO A BÍBLIA ATRAVÉS DE SEUS NOMES, SÍMBOLOS E FUNÇÕES

5.4 ATIVIDADES DA PALAVRA DE DEUS

- # Santifica (Jo 17.17)
- # Purifica (Ef 5.26)
- # Produz fé (Rm 10.17)
- # Vivifica (Sl 119.25)
- # Fortalece (Sl 119.28)
- # Liberta (Jo 8.32)
- # Salva (Ef 1.13)
- # Ilumina (Sl 119.105)
- # Preserva do pecado (Sl 119.9,11)
- # Dá sabedoria (2 Tm 3.15)
- # Dá entendimento (119.130)
- # Alimenta (Jr 15.16)
- # Concede prazer (Sl 1.2; 119.24)
- # Promove alegria (Jr 15.16; Lc 8.13)
- # Traz paz (Sl 119.165; Pv 3.17)
- # Consola (2 Ts 2.17)
- # É proveitosa para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra. (2 Tm 3.16,17)



LIÇÃO 3



LIÇÃO 3
CAPÍTULO 6
IDIOMAS E MATERIA
EM QUE A BÍBLIA
FOI ESCRITA



LIÇÃO 3: IDIOMAS E MATERIAL EM QUE A BÍBLIA FOI ESCRITA

6.1 AS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

A Bíblia Sagrada foi escrita originalmente em três idiomas:

- # Hebraico e aramaico para o Antigo Testamento;
- # Grego para o Novo Testamento.

6.1.1 O Hebraico

O hebraico é um idioma de origem semítica que tornou-se a língua oficial da nação judaica em um vasto período da sua história. Algumas de suas peculiaridades são:

- # É escrito e lido da direita para esquerda;
- # Seu alfabeto é constituído por vinte e duas letras;
- # Era um idioma consonantal, ou seja, não possuía vogais em seu alfabeto.

“A escrita hebraica dos tempos antigos só empregava consoantes sem qualquer sinal de vocalização. Os sons vocálicos eram supridos pelo leitor durante a leitura, o que dava origem a constantes enganos, uma vez que havia palavras com as mesmas consoantes, mas com acepções diferentes. É por causa disso que se perdeu a pronúncia de muitas palavras bíblicas”. Quase todo o A.T foi escrito em hebraico.



LIÇÃO 3: IDIOMAS E MATERIAL EM QUE A BÍBLIA FOI ESCRITA

6.1 AS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

6.1.2 O Aramaico

Assim como o hebraico o aramaico também é de origem semítica. Este idioma passou a ser incorporado pelos judeus através do cativeiro do reino do Norte, Israel, em 722 a.C. promovido pelo império Assírio, e depois com o cativeiro do reino do Sul, Judá, em 606 a.C. sob os babilônicos.

Quando os judeus cativos na Babilônia foram autorizados a regressar para Judá em 536 a.C. através de um decreto do imperador Medo-Persa, Ciro, o povo judeu já havia adotado o aramaico como idioma. Isso é notável no livro de Neemias 8.5,8, quando Esdras e os sacerdotes leram as Escrituras, em hebraico, era necessária uma tradução para o aramaico. (Ne 8.5,8).

Nos tempos de Jesus o idioma usado na palestina era o aramaico, logo, Jesus e os discípulos falavam o aramaico. Inclusive algumas frases de Jesus foram registradas em aramaico, por exemplo: “E, perto da hora nona, exclamou Jesus em alta voz, dizendo: Eli, Eli, lemá sabactâni, isto é, Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” (Mt 27.46).



6.1 AS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

6.1.2 O Aramaico

Por ter sido incorporado pelos judeus e por sua familiaridade com o hebraico, o aramaico passou a ser chamado pelos judeus de hebraico, isto é demonstrado nos seguintes textos: Lucas 23.38; João 5.2; 19.13,17,20; Atos 21.40; 26.14; 72.

Com o passar dos séculos o aramaico foi reduzindo sua influência entre os judeus e posteriormente sumiu dando lugar ao hebraico que ressurgira. Após ter sido conservado nas Escrituras, nos rituais judaicos, nas tradições e escolas rabínicas.

Apenas poucas passagens do A.T. foram escritas em aramaico, sendo:

- # Um trecho no livro de Esdras: 4.8-6.18; 7.12—26;
- # Parte do livro de Daniel: 2.4-7.28;
- # Um versículo em Jeremias: 10.11.



LIÇÃO 3: IDIOMAS E MATERIAL EM QUE A BÍBLIA FOI ESCRITA

6.1 AS LÍNGUAS ORIGINAIS DA BÍBLIA

6.1.3 O Grego

O idioma grego é bastante próximo do português, muitas palavras de nossa língua materna têm nele sua origem. Este idioma é muito rico, nisto, refiro-me a quantidade de palavras e especificidade delas, possibilitando a elaboração e escrita de frases complexas, fator que foi utilizado de forma clara pelo apóstolo Paulo em suas cartas, nas quais transmitiu profundas ideias, outro exemplo foi o Evangelho escrito por Lucas junto ao livro de Atos dos Apóstolos, rico em detalhes e descrição.

Basicamente o grego era dividido em clássico e popular. O grego clássico era utilizado na Grécia Antiga pelos filósofos da época como Platão, Aristóteles, Heródoto. Já o grego popular como o próprio nome sugere era a língua dos escravos, comerciantes, pobres, enfim, do povo comum, tradicionalmente conhecido como grego “Koiné”, ou helenístico. Foi exatamente este, o grego Koiné, que foi utilizado na escrita de todo o N.T., com dúvida por parte dos eruditos sobre o Evangelho de Mateus que possivelmente teria sido escrito em aramaico.



6.2 MATERIAIS USADOS NA ESCRITA DA BÍBLIA

Há vários materiais que foram usados na escrita da Bíblia, primeiramente mencionaremos os dois principais, o papiro e o pergaminho que eram materiais dispostos em rolos presos a dois cabos de madeira para facilitar o manuseio.

6.2.1 O Papiro

O papiro é uma planta aquática que se encontra nos rios e lagos do Egito e Palestina. Esta planta é um tipo de junco de grandes proporções, medindo em torno de 3 a 5 metros de altura e 5 a 7 centímetros de diâmetro. Desta planta foi criado um material para a escrita com o mesmo nome, papiro, cuja origem data a cerca de 3000 a.C., sendo o Egito seu centro de produção na época.

6.2 MATERIAIS USADOS NA ESCRITA DA BÍBLIA

A produção do papiro era teoricamente simples. Tirava-se a casca exterior, a entrecasca, de onde saía o material, era cortada em partes finas, depois eram dispostas suas tiras em uma mesa, sobrepostas de forma cruzada e coladas, posteriormente eram prensadas e polidas. Seu tamanho dependia da necessidade do uso, para pequenas cartas apenas um pedaço bastava, havendo a necessidade de se escrever um documento maior, como os livros Bíblicos, as folhas do papiro eram coladas formando um rolo de cerca de 30 cm de largura a até 3 metros de comprimento.

Este material era simples de grande uso nos tempos do A.T., a maior parte dos registros Bíblicos foi escrita com este material. O papiro é citado no A.T., em algumas versões chamada de junco, nos seguintes textos: Êx 2.3; Jó 8.11; Is 9.14; 18.19; 19.15. No N.T. em 2 João 2.12, é mencionado a palavra papel, neste caso referia-se a folha do papiro, que de fato deu origem ao papel como o conhecemos.



6.2 MATERIAIS USADOS NA ESCRITA DA BÍBLIA

6.2.2 O Pergaminho

O pergaminho é a pele de animais como cabras, ovelhas, novilhos, burros e outros, que eram curtidas e polidas, preparadas para nela se escrever. O pergaminho, também conhecido como velino ou velo, era mais resistente e durável que o papiro. Seu uso vem dos tempos da igreja primitiva, contudo, já era utilizado muito antes. Seu nome deriva de Pérgamo, cidade situada a Oeste da província da Ásia Menor. Segundo a História, sendo Eumenes II (197-159 d.C), rei de Pérgamo, projetou formar para si uma biblioteca maior que a de Alexandria, Egito. O rei do Egito, por inveja, proibiu a exportação do papiro, obrigando Eumenes a recorrer a outro material gráfico. Tal fato motivou o surgimento de um novo método de preparar peles, muito aperfeiçoado, que resultou no pergaminho (SILVA. 1986, p. 42).

O pergaminho é mencionado em 2 Tm 4.13.

6.2 MATERIAIS USADOS NA ESCRITA DA BÍBLIA

6.2.3 Outros Materiais

Além do papiro e do pergaminho outros materiais foram utilizados para escritas de trechos menores da Bíblia, tais como:

- # Pedras – Ex 24.12; 32.15,16; Dt 27.2,3; Js 8.30-32; Jó 19.23,24.
- # Tabuinha de barro – Ez 4.1.
- # Tábuas recobertas de cera – Is 30.8; Lc 1.63.
- # Metal – Ex 28.36.
- # Pedras preciosas – Ex 39.6-14.
- # Cacos de Louça (óstracos) – Jó 38.14.





LIÇÃO 3

CAPÍTULO 7

A NATUREZA DA

BÍBLIA



LIÇÃO 3: A NATUREZA DA BÍBLIA

No mundo há muitos livros considerados sagrados e também muitos livros que se tornaram “Best Seller”. O que torna a Bíblia diferente desses livros? Pois ela é conjunto de 66 livros, e tem cerca de 40 escritores. O que lhe dá o patamar de livro por excelência? O que lhe confere o título de palavra de Deus?

Exatamente a inspiração divina da Bíblia.

Neste capítulo estaremos estudando o que é a inspiração divina da Bíblia, qual o conceito de inspiração, as teorias sobre a inspiração Bíblica e as teorias sobre o modo que Deus inspirou os autores.



7.1 CONCEITO DE INSPIRAÇÃO

A inspiração divina é ato sobrenatural do Espírito Santo sobre os escritores sagrados, que levou-os a produzir de maneira inerrante, infalível, única e sobrenatural, a palavra de Deus – a Bíblia Sagrada (ANDRADE. 2007, p. 231).

A palavra revelação divina é encontrada uma só vez na bíblia em 2 Timóteo 3.16: “Toda Escritura divinamente inspirada é proveitosa ...” (ARC).

A versão Almeida Revista e Atualizada apresenta outra ênfase mais clara no verbo ser: “Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa...”.

A expressão divinamente inspirada vem do grego “Theopneustos”, este termo é formado por duas palavras Theos – Deus, pneō – “respirar, soprar, inspirar” (VINE. 2005, p. 715). Theopneustos (divinamente inspirada) é o sopro a influência sobrenatural de Deus sobre os escritores, Tendo como resultado o registro da palavra de divina.



7.1 CONCEITO DE INSPIRAÇÃO

O homem é o canal utilizado por Deus para registrar sua revelação. Deus não sabota a personalidade de seus escritores pelo contrário, o caráter, temperamento, experiências, cultura, conhecimento, estilo literário de cada um deles é facilmente observado em seus livros.

A Bíblia é o resultado desse processo singular e extraordinário, na verdade falta-nos adjetivos para distingui-la dos demais livros, por isso sintetizamos com a profunda expressão: A Bíblia é a palavra de Deus.



7.1 A INSPIRAÇÃO DIVINA DO ANTIGO TESTAMENTO

7.1.1 A Reivindicação dos Próprios Escritores do Antigo Testamento

A Bíblia reivindica ser a palavra de Deus. No A.T. nós vemos inúmeras vezes os porta-vozes de Deus usaram expressões tais como: “Disse Deus” (Gn 1.3); “Falou o Senhor a Moisés, dizendo:”(Êx 14.1); “ Então, disse o Senhor a Moisés: escreve isto para memória num livro” (Êx 17.14); “O Senhor é quem fala” (Is 1.2); “A ele (Jeremias) veio a palavra do Senhor” (Jr 1.2); “Veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel” (Ez 1.3). Enfim, citações como estas ocorrem cerca de 3.800 vezes no A.T (HORTON. 2001, p. 99).

Apesar dos escritores do A.T. não usarem a expressão inspiração divina, eles eram, como podemos notar, conscientes que falavam da parte de Deus para os homens. Estes escritores, ora reis, ora sacerdotes, ora profetas, eram “pheromenoi” (movidos adiante) pelo Espírito Santo a escreverem a s revelações de Deus (2 Pe 1.21). Isso nota-se não somente pelas expressões do parágrafo anterior, mas também na convicção e autoridade com qual falavam. Isto só seria possível com a intervenção divina.

LIÇÃO 3: A NATUREZA DA BÍBLIA

7.1 A INSPIRAÇÃO DIVINA DO ANTIGO TESTAMENTO

7.1.2 O Testemunho de Jesus Sobre o Antigo Testamento

Jesus reconheceu o A.T. como palavra de Deus, pois varias vezes recorria aos seus textos como regra de fé e prática, reconhecendo sua autoridade (Mt 22.29; Mc 14.49). Frequentemente usava a expressão: “está escrito”(Mt 4.4,7,10; 21.13; 26.24,31). Por fim, referindo-se ao A.T., dirigindo-se ao Pai, declara em João 17.17: “Santifica-os na verdade; a tua palavra é a verdade”.

Além disso, Jesus:

- Honrava as Escrituras;
- Censurou os judeus que colocaram suas tradições no nível, ou acima das Escrituras (Mt 15.3; Mc 7.5-9);

Não reconhecia somente o A.T., mas também reivindica a mesma autoridade aos seus ensinamentos, pois várias vezes ele cita: “eu, porém, vos digo...” (Mt 5.22,28,32,34). Jesus declara que seus ensinamentos vêm de Deus (Jo 7.15-17; 8.26-28; 12.48-50) e também declara que suas palavras são infalíveis (Mt 24.35).



LIÇÃO 3: A NATUREZA DA BÍBLIA

7.2 A INSPIRAÇÃO DIVINA DO NOVO TESTAMENTO

Os textos já mencionados de João 17.17, 2 Timóteo 3.16 e 2 Pedro 1.21 onde claramente se reconhece a reivindicação de origem divina dos textos, refere-se ao A.T., mas quanto aos textos neotestamentários, o que indica serem divinamente inspirados? Vejamos:

Considerando que a revelação de Deus é progressiva, ou seja, Deus não revela-se de uma só vez, nem a si nem os seus propósitos, uma das razões para isso seria as próprias limitações humanas. Na plenitude dos tempos (Gl 4.4), Deus se manifestou de forma plena em Cristo (Cl 2.9), contudo, em seu curto ministério terreno Jesus não foi plenamente compreendido por seus discípulos, não por falha do Senhor, mas, como já citamos, devido às próprias limitações humanas em compreender as coisas espirituais.

As dificuldades dos discípulos em compreender as mensagens de Cristo ficam notórias no registro de Atos dos Apóstolos 1.3-8, pois mesmo após a morte, ressurreição e várias aparições de Cristo aos seus discípulos, momentos antes da sua ascensão aos céus, falava-lhes sobre a promessa da vinda do Espírito Santo, entretanto, eles ainda estavam focando um reino terreno.



7.2 A INSPIRAÇÃO DIVINA DO NOVO TESTAMENTO

O N. T. é a explanação da pessoa, ministério, obras e ensinamentos de cristo, além de elementos conexos. Seus escritores, assim como os do A.T., eram conscientes de que estavam escrevendo debaixo da autoridade e inspiração divina, movidos adiante (pheromenoi) pelo Espírito Santo conforme os textos a seguir: “Mas Deus no-las revelou pelo seu Espírito; porque o Espírito penetra todas as coisas, ainda as profundezas de Deus... As quais também falamos, não com palavras de sabedoria humana, mas com as que o Espírito Santo ensina, comparando as coisas espirituais com as espirituais” (1 Co 2.10,13).

“Porque eu recebi do Senhor o que também vos ensinei...” (1 Co 11.23).

“Mas faço-vos saber, irmãos, que o evangelho que por mim foi anunciado não é segundo os homens, porque não o recebi, nem aprendi de homem algum, mas pela revelação de Jesus Cristo” (Gl 1.11,12).

“Para que vos lembreis das palavras que primeiramente foram ditas pelos santos profetas e do mandamento do Senhor e Salvador, mediante os vossos apóstolos” (2 Pe 3.2).



7.3 AS TEORIAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

A doutrina da inspiração divina da Bíblia é um fator de extrema relevância para a fé cristã, por isso devemos considerar algumas teorias propostas sobre a natureza desta inspiração.

No estudo Bíblico devemos considerar que a Bíblia é para o teólogo o que é a natureza para o biólogo, a terra para o geólogo, os números para os matemáticos, os astros para os astrônomos. A Bíblia interpreta-se a si mesma. Este é o ponto fundamental para a elaboração de qualquer doutrina Bíblica, no entanto, muitas vezes ignorado.

Sobre a natureza da inspiração divina da Bíblia, têm sido propostas basicamente três teorias:

- # A Bíblia é a palavra de Deus;
- # A Bíblia contém a palavra de Deus;
- # A Bíblia torna-se a palavra de Deus.



7.3 AS TEORIAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

Consideraremos cada uma dessas propostas na ordem inversa:

7.3.1 A Bíblia Torna-se a Palavra de Deus

“No início do século XX, a reviravolta nos acontecimentos mundiais e a influência do pai dinamarquês do Existencialismo, Soren Kierkegaard, deram origem numa nova reforma na teologia europeia” (GEISLER, NIX; 1997, p. 18).

Nesta época, muitos estudiosos retornaram a Bíblia para através dela buscarem um encontro pessoal com Deus, visto que ela era a revelação de Deus. Entretanto, eles não abandonaram seus antigos conceitos e dificuldades bíblicas. O resultado desta mescla foi a formulação de um novo conceito onde a Bíblia é um livro comum, escrito por homens, mas que pode se tornar a palavra de Deus num encontro pessoal.

Este conceito tira a excelência da e a singularidade da Bíblia em relação a outros livros. De fato a Bíblia promove um encontro pessoal entre Deus e o homem, este é seu objetivo, contudo, mesmo que isso não aconteça a Bíblia continua sendo a palavra de Deus.



7.3 AS TEORIAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

Consideraremos cada uma dessas propostas na ordem inversa:

7.3.2 A Bíblia Contém a Palavra de Deus

“Ao surgir o idealismo germânico e a crítica da Bíblia surgiu também uma nova visão evoluída da inspiração Bíblica, a par do modernismo ou liberalismo teológico. Opondo-se a opinião ortodoxa tradicional de que a Bíblia é a palavra de Deus, os modernistas ensinavam que a Bíblia meramente contém a palavra de Deus” (GEISLER, NIX; 1997, p. 17).

De acordo com esta teoria a Bíblia contém a palavra de Deus, porém, acha-se em seu conteúdo elementos não divino e não verídicos. A Bíblia seria uma mescla de verdades e mitos, palavras de Deus e meras palavras humanas.

Entretanto, esta teoria é incompatível, pois se a Bíblia fosse de fato esta mescla de verdades e mentiras, como poderíamos distinguir os elementos. Em hipótese alguma a Bíblia dá margem para este conceito, como vimos, o primeiro versículo citado diz toda a Escritura e não parte dela, Jesus disse que a palavra de Deus é a verdade e não contém a verdade.



7.3 AS TEORIAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

Consideraremos cada uma dessas propostas na ordem inversa:

7.3.3 A Bíblia É a Palavra de Deus

A Bíblia não somente contém, nem torna-se, mas ela é a palavra de Deus. Esta é a posição ortodoxa do cristianismo que por mais de dezoito séculos vem sendo sustentada pela igreja. Como já pudemos analisar através das várias referências Bíblicas que não dão a mínima possibilidade para outro conceito, lembremo-nos que a Bíblia interpreta-se a si mesma, e com relação às evidências desta afirmação que é a base e sustentáculo da nossa fé, veremos nos capítulos 8 e 9 deste trabalho.



7.4 COMO FOI O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO DIVINA?

Dentro das três teorias da inspiração divina que acabamos de ver, há pelo menos sete teorias que buscam explicar como foi o processo da inspiração Bíblica e o grau desta. Falaremos brevemente sobre cada uma destas:

7.4.1 Intuição Natural

Segundo esta teoria os escritores usaram apenas suas aptidões religiosas ao escreverem os textos, sem a intervenção divina. Esta aptidão natural seria um sinônimo de talento. Assim como Sócrates, Platão, Aristóteles tinham aptidões naturais para filosofia, Da Vinci para invenção, Camões para a poesia, Moisés, Davi, Isaías, Lucas, Paulo e os demais tinham habilidades desenvolvidas acima da média para questões espirituais.

7.4.2 Iluminação Especial

Semelhante a primeira teoria, esta afirma que Deus escolheu homens talentosos, com habilidades espirituais privilegiada e as intensificou através da influência do Espírito Santo, porém, sem a orientação e supervisão divina (HORTON, 2001, p. 103).



LIÇÃO 3: A NATUREZA DA BÍBLIA

7.4 COMO FOI O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO DIVINA?

7.4.3 Graus de Inspiração

Há os que sustentam que Deus teria inspirado os autores, porém, em graus diferentes, o resultado disso é que uns livros seriam mais inspirados do que outros.

7.4.4 Orientação Dinâmica

Também conhecida como orientação religiosa. Ensinam que Deus inspirou através do Espírito Santo os escritores bíblicos somente nas questões religiosas e ao viver em conformidade com a sua vontade, deixando as questões consideradas não essenciais a fé cristã ao encargo e responsabilidade do escritor. H. Wayne House chama esta teoria de inspiração parcial, pois apenas parte das Escrituras é divinamente inspirada.

7.4.5 Inspiração Mecânica

Esta teoria também é chamada de ditado divino, segundo este ensinamento Deus teria ditado as palavras aos escritores da Bíblia a fim de isentá-los de erros. Neste caso o autor é apenas um agente passivo onde sua personalidade é posta de lado.



7.4 COMO FOI O PROCESSO DE INSPIRAÇÃO DIVINA?

7.4.6 Inspiração das Ideias

Segundo este conceito Deus teria inspirado somente as ideias na mente dos escritores humanos ficando as palavras sob a escolha destes. Esta teoria é o extremo oposto da teoria do ditado divino exatamente para evitar suas implicações, contudo, como a outra, encontra-se mau fundamentada, pois como Deus poderia implantar as ideias na mente humana sem uso de palavras, visto que ideias e conceitos dependem de palavras? Isto, de fato, permitiria que os autores falhassem nas suas palavras e conseqüentemente as ideias seriam comprometidas (GEISLER; NIX, 1997, p. 16).

7.5 A INSPIRAÇÃO PLENA E VERBAL

Como pudemos perceber as teorias mencionadas no tópico anterior não se harmonizam com o ensino Bíblico a respeito do modo de inspiração. Logo, estaremos expondo uma formulação que se coaduna com a palavra de Deus.

A Bíblia é um livro divino/humano, ou seja, uma das singularidades da Bíblia é a sua dupla autoria simultânea, processo de uma intervenção sobrenatural entre Deus e o homem. Sendo um processo sobrenatural não pode ser explicado, pois é transcendente, nem compreendido, mas pode e deve ser aceito pelos cristãos de conformidade com a declaração do texto Bíblico. Um exemplo de impossibilidade de compreender como se procede a um evento sobrenatural é o caso da concepção virginal de Maria pelo Espírito Santo.

Portanto, cremos pela declaração das Escrituras que claramente contrapõem-se as teorias mencionadas no tópico anterior. Para entendermos o conceito de inspiração divina é necessário levar em conta tudo o que ela diz sobre o assunto. Deve-se, também, levar em conta a atividade divina sem excluir a humana e a humana sem deixar de lado a divina.



7.5.1 A Inspiração Bíblica É Plenária

Quando nós referimos que a inspiração Bíblica é plenária, afirmamos que todo o seu conteúdo é divinamente inspirado, todos os livros do cânon, com mesmo grau de inspiração e não somente os assuntos espirituais e de caráter religioso, mas também aqueles assuntos chamados não essenciais conforme veremos no conceito da inerrância Bíblica (capítulo 08).

A Declaração Bíblica é: “Toda Escritura é divinamente inspirada e proveitosa...” (2 Tm 3.16). Jesus reconhece: “... a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17).

7.5.2 A Inspiração Bíblica é Verbal

O Espírito santo no ato da inspiração aos escritores humanos, influenciou e orientou-os em todos os assuntos concedendo-lhes autonomia para a forma de abordagem e uso das palavras de acordo com o vocabulário de cada um, entretanto, supervisionando-os para isentar o registro de erros. Desta forma permite-se que o escritor escreva de acordo com sua cultura, experiências, estilo e personalidade sem anular ou comprometer a inerrância Bíblica.



LIÇÃO 3
CAPÍTULO 8
EVIDÊNCIAS
INTERNAS DA
INSPIRAÇÃO BÍBLICA



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

“Santifica-os na verdade, a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17).

No texto bíblico supracitado, Jesus faz duas declarações cruciais para o evangelho. Primeiro que a Bíblia é a verdade e em seguida, declara que ela é a palavra de Deus. E esta é a posição ortodoxa do cristianismo: a Bíblia é a inspirada, inerrante e infalível palavra de Deus.

Contudo, Satanás tem lutado através dos séculos de forma veemente para destruí-la, como não tem obtido êxito (Mt 16.18), paralelamente, luta para desaboná-la, invalidá-la, desacreditar o homem com relação a sua natureza. Para esta finalidade o inimigo tem se valido de filósofos, cientistas, artistas e até mesmo religiosos na formulação de teses, argumentações e indagações, tais como:

- # A Bíblia contém a palavra de Deus.
- # A Bíblia contém a verdade.
- # É um livro comum, escrito por homens, mas pode se tornar a palavra de Deus num encontro pessoal.
- # A Bíblia foi alterada através de séculos de cópias e traduções.
- # Ela contém erros e contradições.
- # É um livro ultrapassado.
- # Contém mentiras e até mesmo uma porcentagem é a palavra de Satanás.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA



E indagações como:

- # O que prova que a Bíblia é a palavra de Deus?
- # O que prova que ela é a verdade?
- # O que prova que seu texto não foi alterado?

Estas questões mencionadas nos levam a algumas indagações:

- # A posição ortodoxa do cristianismo sobre a Bíblia é baseada somente na fé, ou a Bíblia nos dá alguma evidência?
- # Se for baseado apenas na fé, não teríamos o mesmo fundamento de outros movimentos religiosos?
- # Se há evidências, serão elas suficientes para confirmar a Bíblia como inerrante palavra de Deus?

A resposta é: sim, as evidências existem, são provas fortes, concretas e concludentes. E isto é o que nós analisaremos a seguir apresentando quatro evidências internas e no próximo capítulo quatro evidências externas que comprovam a sua natureza, mas antes veremos a importância da Bíblia para fé cristã.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

8.1 A IMPORTÂNCIA DA BÍBLIA COMO PALAVRA DE DEUS PARA A FÉ CRISTÃ

A Bíblia é a nossa regra de fé e conduta, e nosso conhecimento acerca da revelação divina é obtido através dela. Ou seja, cremos:

- # Na Trindade;
 - # Na Soberania, Onipotência, Onisciência, Santidade, Amor, e demais atributos de Deus;
 - # Na divindade de Cristo;
 - # Na personalidade do Espírito Santo;
 - # Temos conhecimento do estado pecaminoso do homem e da possibilidade de salvação;
 - # cremos na eficácia da morte redentora de Cristo e na sua iminente volta para arrebatá-la sua igreja;
 - # Na vida eterna para os salvos e na morte eterna para os ímpios.
- ...porque a Bíblia afirma.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA



8.1 A IMPORTÂNCIA DA BÍBLIA COMO PALAVRA DE DEUS PARA A FÉ CRISTÃ

Podemos fazer uma analogia com a edificação de uma casa:

BASE – É formada pela Bíblia (Mt 7.24-27);

COLUNAS – É formada pelas doutrinas da fé cristã;

COBERTURA – É formada pela finalidade da revelação de Deus, que é promover a salvação do homem, a comunhão com o homem e a adoração do homem a Deus.

Note: a finalidade da revelação (cobertura) depende das doutrinas (colunas) para sua sustentação, que por sua vez depende da Bíblia (base).

Logo, concluímos o quão importante é para o cristianismo argumentos que sustentem as afirmações de Jesus Cristo em João 17.17 e outras, visto que se fundamenta sobre a Bíblia.

Lembrando que este estudo não é para que você creia que a Bíblia é a palavra de Deus, mas sim, porque você crê.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

8.2 A EVIDÊNCIA DA UNIDADE E HARMONIA

A Bíblia é composta por 66 livros, foi escrita por cerca de 40 escritores, em 03 idiomas diferentes, num período de aproximadamente XVI séculos. Seus autores eram de ofícios diferentes, viveram em épocas e locais diversos e escreveram em variadas circunstâncias:

Diversidade de ofícios: Moisés foi um legislador; Josué um guerreiro; Davi, rei e poeta; Amós, um homem do campo; Isaías, estadista e profeta; Pedro, pescador; Lucas foi médico, etc.

Diversidade de época: Moisés na peregrinação; Josué na conquista da terra prometida; Salomão no reino unido; Ezequiel no cativeiro; Neemias no pós-cativeiro; João na dispersão da Igreja; etc.

Diversidade de localidade em que viveram: Moisés no Egito; Davi de Belém a Jerusalém; Amós no campo; Isaías no palácio; Daniel na Babilônia; etc.

Diversidade de circunstância: Moisés peregrinando; Josué na batalha; Jeremias no calabouço; Paulo na prisão; João exilado em Patmos; etc.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

8.2 A EVIDÊNCIA DA UNIDADE E HARMONIA

Eles escreveram sobre diversos assuntos profundos e polêmicos.

Se fizermos um teste juntando 40 pessoas, que tenham a mesma faixa etária, profissão, escolaridade, religião e eles vivam na mesma região. E convidá-los a escreverem suas teses sobre assuntos polêmicos como: casamento, criação dos filhos, pena de morte, aborto, etc. Juntarmos seus textos formando um único volume, com toda certeza o produto seria uma grande miscelânea.

Todavia, mesmo diante de tanta diversidade com qual foi escrito, a Bíblia mantém sua unidade e harmonia. Unidade porque os 66 livros formam um só volume, mantém uma única linha de pensamento. E harmonia porque não se contradizem.

Como seria possível isto? Somente a inspiração divina pode explicar:

“Toda a escritura é divinamente inspirada” (2 Tm 3.16).

“... homens (santos) falaram da parte de Deus movidos pelo Espírito Santo” (2 Pe 1.21).



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

8.3 A EVIDÊNCIA DA INERRÂNCIA

Segundo as declarações de Jesus: “...a tua palavra é a verdade” (Jo 17.17), cremos que a Bíblia é a inerrante palavra de Deus. Ela não contém a verdade, ela é a verdade, sem mescla de erros. Em todos os ramos das ciências (Física, Química, Biologia, História, Psicologia, etc.) a Bíblia é precisa em suas afirmações. Não que seja um livro texto sobre estes assuntos, pois seu objetivo é espiritual, mas quando os menciona ela é exata.

A partir do século XVIII, foram formuladas diversas questões com base no conhecimento científico da época que apontavam erros nas escrituras. Porém, paulatinamente, com as novas descobertas científicas estas formulações tornaram-se obsoletas, exemplos:

Negavam que o homem foi formado do pó da terra, hoje a Química comprova que todos os elementos químicos que compõem a estrutura física do homem estão presentes na terra;

Negavam a possibilidade de se viver aproximadamente 1000 anos como foi antes do dilúvio. Hoje os geneticistas comprovam que em condições adequadas de alimentação e ambiente, o homem poderia viver mais de 2000 A.;



8.3 A EVIDÊNCIA DA INERRÂNCIA

- # Diziam que a escrita é oriunda dos fenícios, ou seja, posterior a Moisés. Hoje sabe-se que ela data de 3000 anos a.C., anterior a Moisés;
- # Devido à inexistência na época de provas, negavam a existência de cidades como Sodoma, Gomorra, a civilização dos heteus (povo mencionado 22 na Bíblia), pessoas como Belsazar e Pilatos. Hoje a Arqueologia comprova suas existências.

Também tentaram apresentar contradições no seu conteúdo, como:

- # Deus se arrepende? (Nm 23.19/ Gn 6.6/ Jn 3.10).
- # Os evangelhos são contraditórios.
- # Há duas genealogias diferentes de Jesus (Mt 1.1-17; Lc 3.23-28).
- # Contradições na cura de Bartimeu (Lc 18.35/ Mc 10.46/ Mt 20.29).
- # Jesus entrou em Jerusalém num jumentinho ou numa jumenta?
- # Contradições na unção de Jesus em Betânia (Jo 12.1,2; Mt 26.6,7)

Estes e muitos outros textos é o que chamamos de aparentes contradições, que com o conhecimento da cultura da época, da história, do contexto, da etimologia, da forma literária podem ser explicados.



8.4 A EVIDÊNCIA DAS PROFECIAS CUMPRIDAS

Outra forte evidência que corrobora com a posição ortodoxa do cristianismo a respeito da Bíblia, é seu caráter profético. Grande parte de seu conteúdo é composto de profecias. Nela encontramos profecias cumpridas sobre:

Indivíduos: Ciro, o rei Medo-Persa é mencionado pelo nome no livro do profeta Isaías escrito mais de 200 anos antes de sua existência (Is 44.28; 45.1).

Nações: dentre tantas menções proféticas sobre nações, destacamos as contidas nos capítulos 7,8 e 11 do livro do profeta Daniel. Estes textos descortinam detalhadamente as sucessões dos impérios Babilônico, Medo-Persa, Macedônio e Romano. Estas profecias são tão específicas que os críticos alegam que este livro trata de história e não de profecia.

Israel: a Bíblia predisse diversos fatos sobre Israel, citamos sua dispersão (Lv 26.14,15, 33; Dt 28) e sua restauração (Is 43.1-13; Is 66.8; Ez 37).

Messias: há profecias sobre a concepção virginal (Is 7.14); sua cidade natal (Mq 5.2); seu precursor (Ml 3.1); a entrada triunfal em Jerusalém (Zc 9.9); o valor pelo qual seria traído (Zc 11.12,13); detalhes da sua morte (Sl 22/ Is 53); sua ressurreição (Sl 16.10; At 2.25-27,31).



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS INTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

8.5 A EVIDÊNCIA DA REIVINDICAÇÃO DAS ESCRITURAS

A Bíblia reivindica ser a palavra de Deus. No A.T. nós vemos inúmeras vezes os porta-vozes de Deus usaram expressões tais como: “Disse Deus” (Gn 1.3); “Falou o Senhor a Moisés, dizendo:” (Êx 14.1); “Então, disse o Senhor a Moisés: escreve isto para memória num livro” (Êx 17.14); “O Senhor é quem fala” (Is 1.2); “A ele (Jeremias) veio a palavra do Senhor” (Jr 1.2); “Veio expressamente a palavra do Senhor a Ezequiel” (Ez 1.3). Enfim, citações como estas ocorrem muitas vezes no A.T.

No N.T. temos os ensinamentos de Jesus, o Deus encarnado, e também declarações dos escritores que mencionam a fonte de sua inspiração. Paulo diz que falava “não em palavras ensinadas pela sabedoria humana, mas ensinadas pelo Espírito” (1 Co 2.13); também diz ter recebido revelações doutrinárias da parte de Deus (1 Co 11.23; Gl 1.12). Pedro afirma que as palavras de Deus primeiramente foram ditas pelos santos profetas, e os mandamentos do nosso Senhor e Salvador foi entregue pelos apóstolos (2 Pe 3.2). Estes textos denotam as mesmas reivindicações do A.T. de serem a palavra de Deus.



LIÇÃO 3
CAPÍTULO 9
EVIDÊNCIAS
EXTERNAS DA
INSPIRAÇÃO BÍBLICA



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS EXTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

9.1 A EVIDÊNCIA DA SUA INFLUÊNCIA

A Bíblia já foi traduzida, parcialmente ou completa, para mais de 2.000 idiomas. Isto a torna o livro mais traduzido do mundo. E não somente isto, mas ela foi o primeiro livro a ser impresso, é também o mais publicado, o mais lido, o mais criticado, o mais perseguido, o mais venerado.

Seu conteúdo é adaptável a qualquer cultura, por isso, influenciou poderosamente o mundo, principalmente o Ocidente. Seja na política, na literatura, na música, na escultura, arquitetura, pintura, etc. Seu padrão ético tem preservado este mundo.

Nenhum livro se compara em influência benéfica com a Bíblia Sagrada.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS EXTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

9.2 A EVIDÊNCIA DA SUA INDESTRUTIBILIDADE

Sendo Deus o que é, porque não preservou os registros originais?

Possivelmente pelo mesmo motivo que ocultou o corpo de Moisés, para que não se tornasse objeto de idolatria. Porém, conhecedor que é da fidelidade das cópias, Satanás lutou tenazmente para destruí-la. Vejamos alguns fatos:

No período do Reino Dividido, tanto o Reino do Norte quando o Reino do Sul viveram um tempo de esfriamento espiritual e até de apostasia. Um período tão negro a ponto de perderem o Pentateuco. Em 2 Reis 22.8,9,11 temos o relato do encontro do livro da lei.

Antíoco IV Epifânio, rei da Síria no século II a.C invadiu Jerusalém, profanou o templo, proibiu a observância da lei, matou milhares de judeus e queimou tantas cópias quanto pode do A.T.

A perseguição pelos imperadores romanos, dentre estes o mais destacado em severidade foi Diocleciano, que além de matar milhares de cristãos em todo o império, num edito imperial em 303 d.C. ordenou que todos que fossem encontrados com exemplares da Bíblia fossem mortos e determinou a destruição de todos os exemplares que encontrassem.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS EXTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

9.2 A EVIDÊNCIA DA SUA INDESTRUTIBILIDADE

Igreja Católica. Na Idade Média, principalmente no auge do poder papal (séculos XI ao XIII), esta instituição colocou-se acima da Bíblia em autoridade, dificultava sua leitura e até mesmo proibia, proibiu sua tradução e perseguiu os que intentaram fazê-las.

O Iluminismo. Este movimento deu destaque à razão humana em detrimento a palavra de Deus. O ataque passou a focar o conteúdo da Bíblia. Nesta época foram levantadas teses, argumentações que tentavam provar que a Bíblia tinha erros, contradições, incoerência científica e histórica, era ultrapassada, enfim, houve um bombardeio a fé cristã, pois na época não tinham respostas científicas para estas questões. Mas Deus permitiu que a própria ciência, em todos os seus ramos, com suas novas descobertas, desse a resposta que lhe cabia.

Nunca houve na história um livro tão perseguido e criticado quando a Bíblia. Nenhum outro livro suportaria tais provas. Nisto destacamos: A Bíblia é indestrutível. Disse Jesus: “Passarão os céus e a terra, mas as minhas palavras não hão de passar” (Mt 24.35).



9.3 A EVIDÊNCIA DA PRESERVAÇÃO DAS ESCRITURAS

Uma das argumentações preferidas dos inimigos da palavra de Deus é que devido ao grande número de cópias e traduções ela tenha perdido sua essência, e não é possível provar sua originalidade, exemplo: livros como o Pentateuco, escritos há XXXV séculos, as cópias mais antigas que tínhamos datavam do século IX d.C., ou seja, do original chamados de autógrafos até as cópias mais antigas havia um intervalo de 24 séculos.

Sendo que seria normal que os seus copistas inserissem nas escrituras acréscimos, decréscimos ou alterações, ainda mais se tratando de um espaço tão longo de tempo e um número tão grande de cópias, seria impossível que a Bíblia que temos hoje tivesse ao menos a mesma essência do original, argumentam eles.

Que evidências temos de que a Bíblia teve seu texto preservado? Vejamos:

Em primeiro lugar, no que tange ao texto do A.T. vale mencionar o zelo dos judeus, os escribas ao fazerem as cópias, com base na orientação divina (Dt 4.2; 12.32), tinham regras que permitiam a fidelidade dos textos.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS EXTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

9.3 A EVIDÊNCIA DA PRESERVAÇÃO DAS ESCRITURAS

Como se segue:

- # O pergaminho tinha que ser preparado de peles de animais limpos, somente por judeus;
- # A tinta tinha um preparo especial;
- # O escriba não podia escrever uma só palavra de memória. Tinha de pronunciar bem alto cada palavra antes de escrevê-la;
- # Tinha que limpar a pena com muita reverência antes de escrever o nome de Deus;
- # As letras e palavras eram contadas;
- # Um erro numa folha inutilizava-a;
- # Três erros numa folha inutilizavam o rolo inteiro.

Mesmo diante destes fatos, os céticos não se deixaram convencer, e continuaram com suas argumentações a perturbar a mente dos nossos irmãos em Cristo, que, como nós, fundamentam sua fé e esperança na mensagem bíblica.



LIÇÃO 3: EVIDÊNCIAS EXTERNAS DA INSPIRAÇÃO BÍBLICA

9.3 A EVIDÊNCIA DA PRESERVAÇÃO DAS ESCRITURAS

Até que, em 1947 houve as descobertas dos rolos do Mar Morto. Estes vieram à tona e serviram como lenitivo para os cristãos do mundo todo, pois, mais do que nunca puderam comprovar a fidelidade dos textos bíblicos.

Até então, os MSS mais antigos datavam do século IX a.C. Com essas descobertas, encontraram MSS de até 100 anos a.C., ou seja, 1.000 anos mais antigos do que as que possuíamos. Foram encontrados livros inteiros ou trechos de todo o A.T., exceto do livro de Ester. E a comparação destes textos comprovou pouquíssimas mudanças de ortografia, algum acréscimo ou decréscimo de palavras. Mas a essência do texto permanece inalterada.

E quanto ao N.T., o que prova a fidelidade do texto?

Dentre as literaturas do mundo, a obra Ilíada, de Homero, escrito em 800 a.C. tem pouco mais de 600 cópias, a mais antiga data de 400 a.C. um intervalo de 400 anos, é dito que sua fidelidade é de 95%. É o que mais se destaca dentre tantos outros escritos literários, suplantado somente pelo N.T., que possui mais de 5.000 MSS datados do século III ao século V d.C. A fidelidade dos manuscritos é de 99,5%.



9.4 A EVIDÊNCIA DO RESULTADO PRÁTICO

O presente século sofre com inúmeros problemas psicossociais. Filósofos, psicólogos, psiquiatras, psicoterapeutas lutam para sanar estes problemas. Mas o resultado é superficial.

Neste ponto percebemos que nada se compara ao poder da palavra de Deus: “Certamente, a palavra da cruz é loucura para os que se perdem, mas para nós, que somos salvo, poder de Deus” (1 Co 1.18).

- # Só ela nutre a alma humana (Mt 4.4);
- # Só ela ilumina o caminho da vida (Jo 8.12 ; Sl 119.105);
- # Só ela liberta (Jo 8.32,36);
- # Só ela concede a paz (Jo 16.33; Is 9.6);
- # Só ela leva para o pai (Jo 14.6);
- # Só ela leva a vida eterna (Jo 5.39);
- # Só ela transforma o homem (2 Co 5.17; Jo 3.3-8).

Todos nós conhecemos exemplos reais deste fato, pessoas que foram libertas do alcoolismo, das drogas, da prostituição, do tráfico de ilícitos, enfim das garras do maligno.



9.4 A EVIDÊNCIA DO RESULTADO PRÁTICO

A Bíblia diz que “a fé é o firme fundamento das coisas que se esperam, e a prova das coisas que se não vêem” (Hb 11.1) e que “sem fé é impossível agradar a Deus” (Hb 11.6). Logo, nosso relacionamento com Deus e com sua palavra é mediado pela fé. Mas, para o fortalecimento desta fé, Deus em sua Onisciência, providenciou-nos estas evidências concludentes a respeito da natureza da Bíblia. O peso cumulativo destas evidências coloca a Bíblia numa posição de excelência, de supremacia, pois ela suplanta todos os escritos do mundo, afinal, ela é a inspirada, inerrante e infalível palavra de Deus.

“Para sempre, ó Senhor, está firmado a tua palavra no céu” (Sl 119.89)



LIÇÃO 4

CAPÍTULO 10

O CÂNON BÍBLICO



LIÇÃO 4: CÂNON BÍBLICO

Porque esses 66 livros fazem parte da bíblia? Como eles foram aceito pelo povo de Deus como sendo de origem divina? O que determina a canonicidade de um livro? O que são os livros apócrifos e pseudoepígrafos e quais são eles?

A canonicidade bíblica é o estudo que se propõem a responder estas questões.

Conforme já estudamos, a inspiração divina “é o meio que a Bíblia recebeu sua autoridade. A canonização é o processo pelo qual a Bíblia recebeu sua aceitação definitiva” (GEISLER, NIX. 1997 p.61).



LIÇÃO 4: CÂNON BÍBLICO

10.1 O QUE É O CÂNON DA BÍBLIA?

A palavra Cânon vem do hebraico “Kannesh”, do grego “Kanón” e do latim “canon”, esta palavra significa literalmente vara ou cana de Medir (Ez 40.3). (ANDRADE. 2007, P. 88). Esta palavra era usada mesmo antes do período do N.T. de uma forma mais ampla, além do sentido acima expresso, referia-se a norma, padrão, regra, com este sentido encontramos este termo no N.T. nas seguintes passagens Bíblicas: Gl 6.16; 2 Co 10.13, 15; Fp 3.16.

“E, a todos quantos andarem conforme esta regra, paz e misericórdia sobre eles e sobre o Israel de Deus” (Gl 6.16).

Este termo foi aplicado pela primeira vez pelo Orígenes (185-254. d.C.) com o objetivo de diferenciá-lo dos livros apócrifos.

Concluimos que o cânon da Bíblia é a lista completa dos livros reconhecidos como divinamente inspirado tanto do A.T. como do N.T. que compõe a Bíblia Sagrada. E a canonicidade é “o estudo que trata do reconhecimento e da compilação dos livros que nos foram dados por inspiração de Deus” (Geisler; Nix. 1997, p.61). A Bíblia é a nossa regra (kanón) de conduta e fé cristã.



10.2 O QUE DETERMINA A CANONICIDADE DE UM LIVRO?

O princípio áureo e basilar para determinação da canonicidade de um livro é a inspiração divina. Mas a questão crucial do presente capítulo é, como reconhecer que um livro é divinamente inspirado?

O povo de Deus exerceu um papel fundamental para o estabelecimento do cânon como possuímos hoje. Os judeus para o A.T. e a igreja nos seus primórdios para o N.T., Contudo, estes, não possuíam critérios estabelecidos para averiguar ou determinar a canonicidade de um livro, e outro fato é que a aceitação destes livros foi gradual.

No livro “Introdução Bíblica” de Norman Geisler e William Nix, (1997, p. 66) os autores apresentava cinco critérios básicos que eram usados no processo de determinação da canonicidade dos livros pelo povo de Deus. Os critérios são:

- 1) O livro é autorizado?
- 2) É profético?
- 3) É digno de confiança?
- 4) É dinâmico?
- 5) É reconhecido pelo povo de Deus?



10.2.1 O livro é autorizado?

Este critério analisa se o livro reivindica ser a palavra de Deus. A expressão mais comum que denota esta a reivindicação é: “Assim diz o Senhor”, ou “Veio à min a palavra de Deus”. E outros casos a forma como o livro trata da natureza divina, a natureza e as consequências do pecado, a natureza do homem, denotam ser origem divina.

10.2.2 É profético?

De acordo com este critério era analisado se o livro foi escrito por um servo de Deus.

No A.T. havia pessoas que eram conhecidas como verdadeiros servos de Deus, como profetas, canais de Deus para a nação. Já no N.T. as autoridades espirituais foram os apóstolos, pessoas especialmente comissionadas por Deus: “Paulo, apóstolo de Jesus Cristo, pela vontade de Deus, aos santos que estão em Éfeso e fiéis em Cristo Jesus” (Ef 1.1), eram também aceitos pela comunidade cristã. Logo, o caráter de servo de Deus era fator de influência para a aceitação do livro como oriundo de Deus.



10.2.3 É de confiança?

Um livro que possuísse erros históricos, doutrinários, ou de outro gênero, ou que contradissesse outras revelações anteriores, perderia sua confiabilidade.

Visto que, se de fato é a palavra de Deus, seria incoerente haver erros e contradições, pois o povo de Deus sabe que ele é perfeito, sábio e Onisciente, logo, não pode errar e nem se contradizer. Por isso, tal livro seria rejeitado se incorresse em uma dessas circunstâncias, e, foi o que ocorreu com muitos livros apócrifos e pseudoepígrafos.

10.2.4 É dinâmico

Outro critério que era observado no livro para determinar sua canonicidade era seu poder transformador e de promover uma influência positiva. Enfim, um livro oriundo de Deus tem um objetivo, portanto, deve ser dinâmico:

Paulo diz a Timóteo que as Escrituras são proveitosas “para ensinar, para redarguir, para corrigir, para instruir em justiça, para que o homem de Deus seja perfeito e perfeitamente instruído para toda boa obra”(2 Tm 3.15,16).



10.2.5 É reconhecido pelo povo de Deus.

O teste final para aceitação do livro como parte do cânon é a aceitação deste pelos seus destinatários. Algumas vezes esta aceitação era imediata, como fora o Pentateuco, e algumas cartas de Paulo, em outros casos era mais demorado este reconhecimento por questões de dúvidas ou falta de acesso aos documentos.

Sobre a forma de utilização destes critérios comenta Geisler e Nix:

“Quando nos colocamos a discorrer sobre o processo de canonização, não devemos imaginar uma comissão de pais da igreja, carregando pilhas de livros, tendo diante de seus olhos a lista desses cinco princípios orientadores. Tampouco houve uma comissão ecumênica nomeada com o objetivo de canonizar a Bíblia. O processo era muitíssimo natural e dinâmico” (1997, p.70).



10.3 A FORMAÇÃO DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

A formação do cânon do A.T. levou aproximadamente mil anos, do século XV a.C. com Moisés aos tempos de Esdras no século V a.C., este último na posição de sacerdote e escriba, após o exílio babilônico, segundo a tradição teria reunindo os livros fixando o cânon do A.T. em seus dias (Após 445 a.C.). Posteriormente foram escritos os livros de Neemias e Malaquias que também foram reconhecidos pelos judeus e incorporados ao cânon judaico.

Esta formação se deu num processo longo e diversificado. A atuação divina para a preservação destes livros foi crucial. Em relação a preservação deste livros, vemos que muitos foram depositados na Arca ou no lugar Santíssimo do Tabernáculo ou do templo, como os livros de Moisés (Dt 31.26), de Josué (Js 24.26), Samuel (1 Sm 10.25), os Salmos eram cantados no Templo (2 Cr 29.30), Daniel teve acesso ao livro de Jeremias (Dn 9.2).



10.3 A FORMAÇÃO DO CÂNON DO ANTIGO TESTAMENTO

Outros livros foram preservados como livros históricos e cinco dos livros do A.T. foram preservados pela tradição de sua leitura anual em festas judaica, são eles:

- # Cantares de Salomão na Páscoa;
- # Rute em Pentecostes;
- # Ester na Festa do Purim;
- # Eclesiastes na festa dos Tabernáculos;
- # Lamentações de Jeremias no Mês de Abide, lembrando a destruição de Jerusalém em 586 a.C.

O os livros do A.T. foram reconhecidos como oriundos de Deus:

- # Pelos seus contemporâneos (Êx 24.3; Js 24.26; 1 Sm 10.25; Dn 9.2,6);
- # Jesus os reconheceu como palavra de Deus (Mt 5.17; Mt 22.40; Lc 24.44);
- # Foram reconhecidos pelos apóstolos (At 24.14; Rm 3.21; 2 Pe 1.20,21)



10.4 A FORMAÇÃO DO CÂNON DO NOVO TESTAMENTO

A formação do N.T. foi bem mais rápida, cerca de 80 anos, porém seu reconhecimento foi lento, visto que o cristianismo era um movimento mundial e seus escritos tinham destinatários em diversas partes do império Romano, isto dificultava o acesso a todos os escritos, outro motivo da demora para a formação de um cânon era a cautela que a igreja tinha em vista do grande número de escritos espúrios.

A necessidade da definição de um cânon pela igreja surgiu em vista da necessidade de se oficializar quais livros eram reconhecidos pelas igrejas como divinamente inspirados, quais não eram reconhecidos (os pseudoepígrafos) e a necessidade de padronizar um cânon comum às igrejas.

O cânon do N.T. como nós o conhecemos só foi reconhecido definitivamente em 397 pela igreja no Concílio de Cartago.





LIÇÃO 4

CAPÍTULO 11

OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS



LIÇÃO 4: OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS



Neste capítulo falaremos sobre os livros apócrifos. Abordaremos as seguintes questões:

- # O que são os livros apócrifos?
- # O que quer dizer o termo apócrifo?
- # Quais são os livros apócrifos?
- # Porque estes livros são considerados não canônicos?

Além destas questões, no final deste capítulo comentaremos sobre os livros rejeitados por todos, os judeus e cristãos conhecidos como pseudoepígrafos.



11.1 O QUE SÃO OS LIVROS APÓCRIFOS?

No capítulo quatro aprendemos que o cânon do A.T. judaico é composto por vinte e quatro livros, os mesmos 39 da Bíblia cristã. No entanto a igreja Católica Romana reconheceu Como canônicos alguns livros escritos no período inter bíblico, entre 400 e 6 a.C., estes livros foram inseridos na tradução grega do A.T., conhecida como Septuaginta (LXX) ou Versão dos Setenta, e, a partir de então houve grande polêmica em torno destes livros para defini-los se canônicos ou não. Mas, não obstante as polêmicas e dúvidas em torno destes livros, eles foram considerados pela igreja de forma geral como não inspirados por Deus, ou não canônicos, posteriormente receberam o nome de apócrifos.

11.2 O QUE SIGNIFICA O TERMO APÓCRIFO?

O termo apócrifo vem do grego clássico “apocrypha”, significa “escondido, oculto, ou difícil de entender”. O termo “apocrypha”, posteriormente teria tomado o sentido de esotérico ou algo que só os iniciados podem entender. Em torno do século II e IV o termo veio a ser aplicado aos livros não canônicos (GEISLER; NIX, 1997, p. 91)

Recorremos à outra definição para o termo apócrifo:

“A palavra “apócrifo” significa, literalmente, “escondido”, “oculto”, isto em referência a livros que tratavam de coisas secretas, misteriosas, ocultas. No sentido religioso, o termo significa “não genuíno”, “espúrio”, desde sua aplicação por Jerônimo” (SILVA, 1986, p. 34).



LIÇÃO 4: OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS

11.3 QUAIS SÃO OS LIVROS APÓCRIFOS

Os escritos chamados de apócrifos inseridos nas edições da Bíblia Católica são um total de sete livros e quatro acréscimos, são eles:

Os sete livros:

- # 1 Macabeus (cerca de 110 a.C.);
- # 2 Macabeus (cerca de 110-70 a.C.);
- # Tobias (cerca de 30 a.C.);
- # Judite (cerca de 150 a.C.);
- # Baruque (cerca de 150-50 a.C.);
- # Sabedoria de Salomão (cerca de 30 a.C.);
- # Eclesiástico (cerca de 130 a.C.);

Os quatro acréscimos:

- # No livro de Ester, 10.4-16.24 (cerca de 140-110 a.C.);
- # No livro de Daniel, O Cântico dos Três jovens, 3.24-90 (cerca do séc. II ou I a.C.);
- # No livro de Daniel, História de Susana, capítulo 13 (cerca do séc. II ou I a.C.);
- # No livro de Daniel, Bel e o Dragão, capítulo 14 (cerca de 100 a.C.).



LIÇÃO 4: OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS

11.4 POR QUE ESTES LIVROS FORAM REJEITADOS?

No capítulo anterior, onde tratamos da canonicidade Bíblica, citamos os cinco critérios básicos para o estabelecimento da canonicidade de um livro, usados pelo povo de Deus de modo informal. Estes critérios foram expostos por Geisler e Nix (1197, p. 66).

O primeiro critério dizia a respeito da autoridade de um livro, ou seja, afirmava vir de Deus e ter autoridade divina. Entretanto estes escritos não possuem esta característica, isto fica claro com a conclusão do livro de 2 Macabeus onde o autor no final pede desculpas antecipadas pela obra: “Se ficou boa e literariamente agradável, era o que eu queria. Se está fraca e medíocre, é o que fui capaz de fazer”(2 Macabeus 15.38).

O segundo critério era a autoria profética de um livro, isto é, se o escritor era um servo de Deus de caráter reconhecido pelo povo e conseqüentemente, e havia traços proféticos no livro. No entanto, estes escritores não foram reconhecidos como tais e em seus escritos há evidente ausência de profecias.



LIÇÃO 4: OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS

11.4 POR QUE ESTES LIVROS FORAM REJEITADOS?

O terceiro critério era a confiabilidade de um livro. Neste era analisado se o livro contradizia as Escrituras reconhecidas, ou se houvesse algum erro. Neste caso os livros apócrifos falharam também, pois neles há heresias e erros históricos.

O quarto crivo era a natureza dinâmica de um livro, ou seja, se o livro possui o poder transformador de Deus. Em relação a este critério, os livros apócrifos são em grande parte textos repetitivos e não acrescentam nenhum novo conhecimento messiânico.

O quinto e decisivo critério era se o livro havia sido aceito e reconhecido como oriundo de Deus pelos seus destinatários. Neste caso o povo de Deus destinatários dos livros foram os judeus, e eles recusaram tais livros de forma veemente até nossos dias.

Como vimos, estes livros, ainda que muitos reconheçam seus valores devocionais, eclesiásticos ou históricos, não detêm autoridade canônica pelas razões mencionadas.



LIÇÃO 4: OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS

11.4 POR QUE ESTES LIVROS FORAM REJEITADOS?

De forma resumida vejamos as razões pelas quais os apócrifos foram rejeitados, com informações além das que já citamos:

- # Foram rejeitados pelos judeus, o povo para quem foi destinado;
- # Não foram reconhecidos por Jesus;
- # Os apóstolos e a igreja primitiva não os aceitaram;
- # Flávio Josefo dá testemunho contra eles reconhecendo somente os vinte quatro livros do A.T. judaico como canônicos;
- # O talmude desconsidera a possibilidade de inspiração no período inter bíblico, assim registra: “Depois dos últimos profetas, Ageu, Zacarias e Malaquias o Espírito Santo apartou-se de Israel” (GEISLER; NIX, 1997, p. 83).
- # N.T não os cita como livros autorizados;
- # Não reivindicam ser proféticos;
- # Não denotam ter autoridade divina (2 Macabeus 15.38);
- # Contém erros históricos (Tobias 1.3-5;14.11);



LIÇÃO 4: OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS

11.4 POR QUE ESTES LIVROS FORAM REJEITADOS?

Contém heresias teológicas como a oração pelos mortos, como sugere o texto: “Se não tivesse esperança na ressurreição dos que tinham morrido na batalha, seria coisa inútil e tola rezar pelos mortos. Mas, considerando que existe uma bela recompensa guardada para aqueles que são fiéis até à morte, então esse é um pensamento santo e piedoso. Por isso, mandou oferecer um sacrifício pelo pecado dos que tinham morrido, para que fossem libertados do pecado” (2 Macabeus 12.44,45).

Sua maior parte constitui-se de textos repetitivos de outros livros do A.T.;

A Igreja Católica só os reconheceu oficialmente no século XVI;

Este último ponto levanta uma questão, porque a Igreja Romana aceitou-os? Como já mencionamos, estes livros foram inseridos pela primeira vez na septuaginta (LXX) e posteriormente na Vulgata Latina. Detalhe, na Vulgata Latina ela só foi inserida após a morte de Jerônimo, autor da referida tradução que se recusou de forma veemente inseri-los na sua obra. Contudo, em ambas traduções haviam recomendações de que estes escritos não teriam autoridade doutrinária (SILVA, 1986, p. 34).



LIÇÃO 4: OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS

11.5 OS LIVROS QUE FORAM REJEITADOS POR TODOS

Houveram tanto entre os escritos judaicos do A.T., como entre os escritos dos cristãos no N.T., alguns livros que buscavam reconhecimento como livros oriundos de Deus, contudo estes livros foram rejeitados por todos, visto que eram escritos espúrios 1. Por isso estes livros receberam o nome de **Pseudoepígrafos**.

Esta palavra vem de três termos gregos: Pseudō – “enganar por mentiras”, epi – “sobre, por cima” e Grafphō – “escrever” (VINE, 2005, p. 640, 714), o real significado é falsos escritos ou escritos espúrios.

Os pseudoepígrafos do A.T. são datados entre 200 a.C. e 200 d.C., estes escritos possuem algumas verdades registradas, entretanto, são repletos de heresias e fantasias religiosas, grande parte é de caráter apocalíptico ao estilo de Daniel e Ezequiel.

Os pseudoepígrafos do N.T. surgiram em torno do século II e III d.C., estes livros também foram rejeitados de forma ampla, pois, praticamente nenhum pai da igreja, concílio ou cânon, considerou estes livros. Assim como os do A.T., são repletos de erros, especulações fantasiosas e heréticas.





LIÇÃO 4

CAPÍTULO 12

AS TRADUÇÕES



LIÇÃO 4: AS TRADUÇÕES

“Portanto, ide, ensinai todas as nações, batizando-as em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo; ensinando-as a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado...”(Mt 28.19,20).

“E disse-lhes: Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura”(Mc 16:15).

“... e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra”(At 1.8).

Como podemos constatar nestes textos, o IDE de Jesus é para todas as nações, por todo o mundo, a toda criatura até aos confins da terra. Mas, para que este comissionamento se cumprisse dentro da extensão ora proferida seria imprescindível a tradução da palavra de Deus, a Bíblia, para os idiomas vernáculos das nações, tribos, e raças espalhadas pelo globo. Para isso, visando a máxima eficiência na divulgação das Boas Novas do Senhor Jesus, o Deus da providência tem provido no decorrer da história diversas traduções da Bíblia completa, em partes ou pelo menos o Evangelho de João, alcançando um total de mais de 2.300 idiomas e dialetos.



LIÇÃO 4: AS TRADUÇÕES

12.1 OS TARGUNS

As traduções, como vimos não surgem como um capricho humano, mas, mediante a necessidade de fazer um determinado povo compreender a revelação de Deus, e para isso é muito mais viável traduzir a Bíblia do que ensinar ao povo um outro idioma. E, esta necessidade é claramente vista na história dos judeus após o retorno do cativeiro babilônico no século VI a.C. quando os judeus se apropriaram do idioma aramaico e paulatinamente foram esquecendo-se do hebraico. Neste tempo os livros do A.T. eram todos escritos em hebraico e a maioria do povo não compreendia sua leitura. Esta situação é claramente descrita no livro de Neemias quando os sacerdotes e levitas que dominavam tanto o hebraico quanto o aramaico, liam os textos do Pentateuco para o povo e faziam a paráfrase para o aramaico afim de que o povo compreendesse.

Portanto, os targuns eram paráfrases dos textos hebraicos para o aramaico. Mas, por que paráfrases e não tradução? Porque tradução é a transposição literal de um texto de um idioma para o outro, enquanto a paráfrase a preocupação está mais no sentido do texto do que na sua letra.



12.2 A SEPTUAGINTA

No início do Século III a.C se iniciou o que chamaríamos de judaísmo mundial. Na Babilônia haviam muitos judeus estabelecidos desde o cativeiro, na Ásia Menor havia algumas comunidades judaicas e sinagogas, em Esparta, Antioquia da Síria e Damasco também havia comunidades judaicas. Em Alexandria eram de grande importância, e chegaram a ocupar um bairro inteiro, foi nessa época que foi feita a primeira tradução do Antigo Testamento hebraico para o grego, a Septuaginta, no reinado de Ptolomeu Filadelfo.

A história da tradução da Septuaginta é contada com detalhes por Flávio Josefo no livro “A História dos Hebreus”, e também numa carta de um tal Aristéas, escritor da corte do rei Egípcio, Ptolomeu II Filadelfo. Esta última foi incorporada à introdução de alguns exemplares da tradução grega.



12.2 A SEPTUAGINTA

Estas duas histórias são similares, porém, há algumas variações. Em síntese a carta de Aristéas ao seu irmão Filócrates conta que no reinado de Ptolomeu Filadelfo (285-246 a.C.) a pedido de seu bibliotecário real, Demétrio de Falero, responsável pela famosa biblioteca de Alexandria, Ptolomeu pediu ao sumo sacerdote Eleazar que enviasse doutores judeus versados na lei para traduzir o livro sagrado dos judeus, o Antigo Testamento, para isso Filadelfo libertou cento e vinte mil escravos judeus. O sumo sacerdote Eleazar ficou muito feliz com a libertação dos judeus e lhe enviou 72 judeus, todos doutores versados na lei, sendo 6 de cada tribo de Israel. Eles foram levados para um lugar calmo para poderem se concentrar no trabalho a realizar, este local era a ilha de faro, no porto da cidade de Alexandria. Esta tradução teria sido concluída em 72 dias por 72 judeus por isso o nome Septuaginta, setenta em grego. Estes homens foram separados de dois em dois, incomunicáveis com os demais e quando terminaram suas obras foram comparadas e acharam-se precisamente semelhantes.



12.3 O TALMUDE

Enquanto os targuns eram paráfrases do A.T., o talmude é a explicação dos textos do A.T., principalmente a Torá. A palavra talmude significa instrução. Sua compilação foi progressiva, o início data dos primórdios da entrega da Lei por Moisés e sua transmissão era oral.

Em síntese, o talmude é o conjunto das tradições, das interpretações da lei e dos provérbios dos sábios rabinos judeus. A transmissão oral do talmude durou até o século II d.C., antes da destruição de Jerusalém e do templo, não havia necessidade entre os rabinos judeus, visto que estes se reuniam no templo para estudar a Torá e fazer os comentários, recitações das tradições, explicações e debates sobre os textos. Mas, após a destruição de Jerusalém pelos romanos em 70 d.C. e a expulsão dos judeus da Judéia em 135 d.C., depois destes eventos os judeus perderam seu centro de estudo e transmissão das tradições, o talmude, e foram dispersos por várias regiões da Ásia, África e Europa. Surgiu então a necessidade de registrar o talmude.

Para os judeus o talmude era de vital importância. Acreditavam que enquanto o Pentateuco era a base do judaísmo o talmude era a coluna.



12.4 A VULGATA LATINA

A Vulgata Latina é a tradução de toda a Bíblia para o idioma latim. O termo vulgata do latim significa vulgo, povo, popular. Esta designação era feita às traduções anteriores, mas na Idade Média passou a ser empregada a tradução de Jerônimo.

Com a ascensão do império Romano, sobre o território do antigo império Macedônio, a maioria do povo falava o grego, influência da cultura helenística. Os cristãos não tinham grandes dificuldades, visto que já possuíam o A.T. em grego, a Septuaginta e o N.T. que havia sido escrito em tal idioma, mas com o passar dos anos o latim, idioma oficial dos romanos, com origem nas regiões da Itália, foi se propagando no lado Ocidental do Império. Surge novamente para os cristãos e para a atividade de evangelização a necessidade de uma nova tradução da Bíblia, agora em latim.

Várias pessoas que se julgaram aptas para empreender esta tradução, fizeram-na, contudo, repleta de erros. Geralmente estes tradutores, alguns da Itália, outros do norte da África, traduziram apenas trechos da Bíblia. Estas traduções eram conhecidas como Antiga Latina.



12.4 A VULGATA LATINA

Geisler e Nix citam três motivos que levaram a revisão da Antiga Latina (1997, p. 212):

- # A confusão dos textos latinos;
- # O crescimento de heresias e controvérsias geradas por traduções ou gerando traduções tendenciosas;
- # A necessidade de um texto modelar para a igreja crescente.

O responsável por esta revisão foi Sofrônio Eusébio Jerônimo (c. 340-420 d.C.), mais conhecido como Jerônimo, comissionado por Dâmaso em 382 para a consecução deste trabalho, o que teria feito de forma satisfatória.

A princípio Jerônimo tentou reformar as traduções anteriores fazendo uso da septuaginta, mas, diante da gigantesca dificuldade devido aos erros existentes nas traduções latinas, Jerônimo que havia saído de Roma por ocasião da morte do Bispo Dâmaso, seu protetor, instalou-se em Belém onde empreendeu uma nova tradução fazendo uso do texto hebraico para o A.T. e revisando o N.T. em grego. Jerônimo após sua morte não viu sua obra aceita devida a grande oposição na época.



12.5 PRINCIPAIS TRADUÇÕES DA IDADE MÉDIA

Na Idade média foram feitas várias traduções de grande importância para o mundo de então, citamos algumas (SILVA. 1986, p. 49):

- # Versão Gótica – século IV;
- # Versão Etíope – século IV;
- # As versões egípcias ou cópticas – século V;
- # Versão Armênia - século V;
- # Versão Georgina -século V;
- # Versão Eslavônica - século IX.



12.6 PRINCIPAIS TRADUÇÕES EUROPÉIAS

A partir do século XII na Europa começaram a surgir novas traduções como (SILVA. 1986, p. 50):

- # A Bíblia em italiano (1432);
- # A Bíblia em francês (1487);
- # A Bíblia em alemão (1534);
- # A Bíblia em sueco (1541);
- # A Bíblia em dinamarquês (1550);
- # A Bíblia em holandês (1560);
- # A Bíblia em espanhol (1602);
- # A Bíblia em finlandês (1642);
- # A Bíblia em português (1681).

A seguir daremos destaque a três traduções, a alemã, a inglesa e em português.



12.7 A BÍBLIA EM ALEMÃO

Martinho Lutero é mundialmente conhecido por ser o marco da reforma protestante, após ter fixado suas 95 teses na porta da igreja do castelo de Wittemberg na Alemanha em 1517 e ser excomungado pela igreja Católica em 1521. Entretanto, seu maior legado ao povo de idioma alemão foi a tradução da Bíblia para este idioma.

Após a dieta de Worms em 1521, enquanto Lutero retornava para Wittemberg, o príncipe da Saxônia, prevendo que a igreja Católica matasse-o, simulou um sequestro e levou-o ao castelo de Wartburgo, onde permaneceu por vários meses escondido.

Este isolamento concedeu liberdade para que Lutero escrevesse. Profundo conhecedor do hebraico e do grego que era, traduziu o N.T. apresentando-o em 1522 e posteriormente o A.T. concluindo esta tradução em 1534. “Esta Bíblia foi de inestimável valor para o Movimento da Reforma. Foi tão bem feita que serviu de base para o alemão literário. Na Alemanha, a Bíblia é considerada como o começo da literatura alemã” (SILVA. 1986, p 51).



12.8 A BÍBLIA EM INGLÊS

Até o século XIV não havia nenhuma tradução completa da Bíblia para o idioma inglês, apenas pequenas porções que foram traduzidas a partir do século VIII. “Foi a Bíblia que formou a mentalidade do povo inglês e firmou a seriedade nacional. O povo inglês tem alta veneração pela Bíblia. Ela é tida e considerada como o sustentáculo daquele povo. Quando certo imperador chinês perguntou à rainha Victória: - “Que fez a vossa nação tornar-se tão importante em todos os sentidos?” Tomando uma Bíblia em suas mãos, respondeu a rainha: - “Este Livro, senhor”.” (SILVA. 1986,p. 50).

12.8.1 A Versão de John Wycliffe

O Dr John Wycliffe foi um dos precursores da reforma. Viveu entre 1320 e 1384. Seu maior trabalho foi considerado a tradução da Vulgata Latina para a língua inglesa. Para isso teve duas grandes dificuldades: Wycliffe precisou lutar contra a igreja Católica que era contrário a tradução da Bíblia para outros idiomas; Teve que reunir as palavras chaves e mais populares dos muitos dialetos faladas na Inglaterra no século XIV, e, em seguida traduzir a Bíblia.

Este trabalho tornou-se um dos fundamentos para o inglês moderno.



LIÇÃO 4: AS TRADUÇÕES

12.8.2 A Versão de Willian Tyndale

Willian Tyndale foi o segundo a traduzir a Bíblia para o inglês. Mas, devido a perseguição, partiu para a Europa continental. Concluiu o N.T. em 1525. Esta foi a primeira Bíblia impressa em inglês. Em virtude das perseguições, as cópias entraram na Inglaterra como contrabando, mas todas as que foram encontradas foram queimadas publicamente. Tyndale foi martirizado pela Igreja Católica em 1536, antes de concluir a tradução do A.T.

12.8.3 A Versão do Rei Tiago

Em 1603, ao assumir o trono inglês, o Rei Tiago, designou um grupo de 54 teólogos para que fizessem uma nova versão autorizada da Bíblia em inglês. Seu maior objetivo era pacificar as disputas entre os partidos religiosos na época, anglicanos e puritanos. O pedido para esta versão partiu dos puritanos.

Esta nova versão conhecida como versão do Rei Tiago ou versão Autorizada foi publicada em 1611. Esta é a versão preferida entre os povos de fala inglesa.



LIÇÃO 4: AS TRADUÇÕES

12.9 A BÍBLIA EM PORTUGUÊS

Assim como a Bíblia em inglês, a tradução para o português primeiramente se deu em parte. Até o século XVII, as principais foram parte de Gênesis, os Evangelhos, Salmos, A Vida de Jesus – uma harmonia dos relatos dos Evangelhos.

12.9.1 A Tradução de João Ferreira de Almeida

João Ferreira de Almeida foi o responsável pela primeira tradução da Bíblia completa para o português. Nascido em 1628 em Portugal, quando tinha doze anos mudou-se para o Sudeste da Ásia, viveu na Indonésia e posteriormente partiu para Malásia onde converteu-se a fé evangélica após ter lido um folheto que tratava das diferenças da Igreja Reformada e da Igreja Católica. Almeida foi ordenado ao ministério em 1656.

Almeida foi ministro do evangelho da Igreja Holandesa Reformada onde traduziu a Bíblia para o português, com base em textos em hebraico e grego. Concluiu o N.T. em 1670, mas sua publicação aconteceu somente em 1681. Já o A.T. não foi concluído por Almeida devido ao seu falecimento em 1691, ele havia traduzido até o livro de Ezequiel.



12.9 A BÍBLIA EM PORTUGUÊS

“Em 1748, o pastor Jacobus op den Akker reiniciou o trabalho interrompido por Almeida, e cinco anos depois, em 1753, foi impressa a primeira Bíblia completa em português” (GEISLER; NIX. 1997, p. 250).

A versão da Bíblia de Almeida possuía muitos erros, em virtude de ter, Almeida, saído muito cedo de Portugal, mas, não obstante a isso foram feitas várias revisões a fim de depurar este trabalho, as mais recentes revisões foram: em 1951, organizada pela Imprensa Bíblica Brasileira, esta versão ficou conhecida como “Versão Almeida Revista e Corrigida”, conhecida pela sigla “ARC”, e, entre 1945 e 1955 uma comissão de especialistas brasileiros apresentaram a edição revista e atualizada, conhecida com a sigla “ARA”. Estas duas Versões as preferidas entre os cristãos evangélicos brasileiros.



12.9.2 Outras Traduções em Português

- # A Versão do padre Antônio Pereira de Figueiredo - o NT em 1781 e o AT em 1790;
- # A Tradução Brasileira. Começou em 1904, por uma comissão de teólogos. O NT foi publicado em 1910 e o AT em 1917
- # A Versão de Rhoden. Consta só o NT. Foi publicada em 1935.
- # A Versão de Matos Soares. Concluiu a tradução em 1932, mas só em 1946 foi publicada. É a versão usada pelos católicos, traduzida da vulgata.